

**UNIVERSIDADE CANDIDO MENDES  
INSTITUTO A VEZ DO MESTRE  
PÓS-GRADUAÇÃO “LATO SENSU”**

**ARTETERAPIA EM “O PEQUENO PRÍNCIPE” – O  
RESGATE DA CRIANÇA INTERIOR NA BUSCA DA  
INDIVIDUAÇÃO**

**FABIANA POLESSA BROLLO VASSALLO**

**ORIENTADORA  
M<sup>a</sup>. DINA LÚCIA CHAVES ROCHA**

**Rio de Janeiro  
2010**

**UNIVERSIDADE CANDIDO MENDES  
INSTITUTO A VEZ DO MESTRE  
PÓS-GRADUAÇÃO “LATO SENSU”**

**ARTETERAPIA EM “O PEQUENO PRÍNCIPE” – O  
RESGATE DA CRIANÇA INTERIOR NA BUSCA DA  
INDIVIDUAÇÃO**

Apresentação de monografia à Universidade  
Cândido Mendes como requisito parcial para  
obtenção do grau de especialista em Arteterapia  
em Educação e Saúde.

Por: Fabiana Polessa Brollo Vassallo

**Rio de Janeiro**

**2010**

“Na roda do mundo, mãos dadas aos homens,  
Lá vai o menino rodando e cantando  
Cantigas que façam o mundo mais manso  
Cantigas que façam a vida mais doce  
Cantigas que façam o homem mais criança.”

Thiago de Mello

## AGRADECIMENTOS

A Deus, sempre em primeiro lugar.

Ao meu pai, Marcos, à minha mãe, Rosiléia, e à minha irmã, Daiane, pela preocupação e pelas palavras de ânimo.

Aos queridos familiares e amigos pelo apoio e por tantos “Você chega lá!” ditos com carinho sem igual.

À querida Flávia, amiga-irmã, e a sua família, por terem me acolhido em sua casa por um ano.

## DEDICATÓRIA

A Júnior, esposo amado, e à criança que habita em todos nós.

## RESUMO

A Arteterapia busca auxiliar pessoas que passaram por traumas, doenças e conflitos de naturezas diversas. Para tanto, utiliza a arte como fonte enriquecedora da vida. Em um processo arteterapêutico, diferentes manifestações artísticas têm a função de provocar o crescimento pessoal do cliente, de modo que este passe a se conhecer e a se respeitar. Nesse sentido, a literatura e, mais especificamente, o clássico “O Pequeno Príncipe” constituem excelentes ferramentas de trabalho, uma vez que a obra literária tem o poder de provocar a reflexão sobre o si-mesmo na medida em que é comum haver identificação entre leitor e personagens. Assim, a leitura de “O Pequeno Príncipe” pode ser de grande utilidade à Arteterapia, já que a referida obra traz personagens e situações que propõem, indiretamente, a reflexão sobre aspectos fundamentais ao desenvolvimento do ser humano; personagens que propõem, em suma, que se percorra o caminho da individuação e da realização pessoal.

## **METODOLOGIA**

Para a composição deste trabalho, foram necessárias pesquisas bibliográficas em livros devidamente publicados e em artigos na internet. Autores como Ana Maria Machado, Antoine de Saint-Exupéry, Carl Gustav Jung, Edgardo Rodolfo Sosa, Eveline Carrano, Mathias Jung e Roberto Lima Netto foram citados dada a sua vasta experiência no ramo da Literatura, da Arteterapia e da Psicologia Analítica. Suas obras, portanto, constituíram matéria de fundamental importância para a elaboração das ideias aqui defendidas.

Recorreu-se às teorias desenvolvidas pelos autores supracitados (dentre outros), com o objetivo de comprovar as hipóteses levantadas acerca da utilidade do clássico “O Pequeno Príncipe” no processo arteterapêutico.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>9</b>
<b>CAPÍTULO 1</b>	<b>11</b>
<b>CARL GUSTAV JUNG E A INDIVIDUAÇÃO – UM CAMINHO PROPOSTO PELA PSICOLOGIA ANALÍTICA</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b>	<b>22</b>
<b>NAS ENTRELINHAS</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b>	<b>37</b>
<b>OS ARQUÉTIPOS EM O PEQUENO PRÍNCIPE</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b>	<b>56</b>
<b>PERCORRENDO O CAMINHO DA INDIVIDUAÇÃO DE MÃOS DADAS A UM PRINCIPEZINHO</b>	
<b>CONCLUSÃO</b>	<b>65</b>
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	<b>67</b>
<b>WEBGRAFIA</b>	<b>69</b>
<b>ÍNDICE</b>	<b>70</b>



## INTRODUÇÃO

De que forma os arquétipos explorados no clássico “O Pequeno Príncipe”, do autor francês de Saint-Exupéry, podem atuar como recursos arteterapêuticos, auxiliando o leitor no resgate de sua criança interior e, conseqüentemente, facilitando seu processo de individuação? À luz da Arteterapia, o presente trabalho parte da obra de Carl Gustav Jung e Antoine de Saint-Exupéry em busca de uma possível resposta para tal questionamento.

Sabe-se que, no decorrer de sua vida, o ser humano tende, por diversas razões, a abandonar sua criança interior – que Jung chamou de Self, o caráter divino do homem – e a supervalorizar seu caráter racional – chamado de Ego pelo mesmo autor. Tal postura frequentemente acarreta inúmeras crises que, por sua vez, atrapalham – quando não interrompem – o processo de individuação pelo qual todos precisam passar em busca do crescimento pessoal, da maturidade.

Nessa perspectiva, a Arteterapia vem trabalhando para auxiliar homens e mulheres no retorno à sua criança interior, no reencontro com o próprio aspecto divino. Para tanto, a literatura, como arte, constitui um excelente recurso, na medida em que o leitor costuma identificar-se com a narrativa, aprendendo, sofrendo, crescendo com os personagens.

Propõe-se, portanto, a análise do clássico francês “O Pequeno Príncipe” na busca de instrumentos que permitam ao leitor manter contato com o próprio Self e caminhar no processo de individuação. Inicialmente, sintetizar-se-ão alguns pontos da teoria desenvolvida por Jung, ressaltando os aspectos nos quais se baseia este estudo. Serão exploradas especialmente as noções de ego, self, inconsciente pessoal, inconsciente coletivo, criança interior e processo de individuação. Assim os ideais que deram origem à própria Arteterapia constituirão o ponto de partida deste trabalho.

Em seguida, terá espaço uma cuidadosa análise dos símbolos e - se assim puderem ser chamados - dos arquétipos apresentados por Saint-Exupéry em seu clássico. Objetiva-se, com isso, compreender como o leitor pode se identificar com tais elementos.

Por fim, a Literatura será relacionada à Arteterapia como forma de demonstrar de que modo especificamente o clássico em questão pode ser utilizado como recurso eficaz no “conhecer a si mesmo”, fundamental para o sucesso do trabalho arteterapêutico.

O tema aqui desenvolvido se baseia no pressuposto de que a Arteterapia, aliando a psicologia à arte, busca auxiliar o indivíduo na união entre Self e Ego, entre inconsciente e consciente, favorecendo, dessa maneira, a busca pelo autoconhecimento.

Espera-se que, ao ler uma obra literária, o indivíduo reconheça, em determinadas situações ou personagens, sua experiência pessoal, sua história de vida, sua personalidade. Partindo dessa hipótese, entende-se que o contato com a obra “O Pequeno Príncipe” e com sua simbologia pode auxiliar o leitor no processo de autodescoberta. A reflexão sobre as passagens do clássico seria, então, indiretamente uma reflexão sobre “o si mesmo”, passo decisivo no caminho da individuação de que fala Jung.

Assim, espera-se descobrir em “O Pequeno Príncipe” uma ferramenta arteterapêutica útil na empreitada do autoconhecimento proposta por Carl Gustav Jung e pela Arteterapia.

## **CAPÍTULO 1**

### **CARL GUSTAV JUNG E A INDIVIDUAÇÃO – UM CAMINHO PROPOSTO PELA PSICOLOGIA ANALÍTICA**

Carl Gustav Jung, conhecido por sua rica contribuição no ramo da Psicologia, nasceu em 1875, na Suíça. Sua família é, em parte, responsável pela curiosidade de Jung acerca da filosofia e da espiritualidade: seu pai era um pastor protestante, o que tornou a religião um tema cotidiano para o futuro autor.

Ao longo de sua juventude, Jung tomou interesse pelo ramo da Medicina. Tendo se formado nessa área, ainda jovem, iniciou seus trabalhos em um hospital psiquiátrico de Zurique.

Mais tarde, conheceu Sigmund Freud, com o qual passou a colaborar, auxiliando-o em suas pesquisas psicanalíticas. No entanto, dadas algumas divergências entre os dois estudiosos, Jung afastou-se de seu parceiro para trabalhar na própria teoria. Assim, o médico suíço pôde desenvolver as bases da sua Psicologia Analítica, criando, dentre outros, os conceitos estudados neste capítulo.

A partir de então, Jung publicou diversos estudos que se tornaram sucesso entre os estudiosos de Psicologia e que fizeram de seu autor um dos maiores pensadores do século XX. Hoje, muitos outros estudos tomam por base a teoria junguiana, inclusive a Arteterapia.

#### **1.1 Alguns Conceitos Utilizados Na Obra De Carl Gustav Jung**

Ao longo da análise aqui proposta da obra “O Pequeno Príncipe”, o leitor se defrontará com alguns conceitos fundamentais para a compreensão da teoria defendida pelo psiquiatra suíço Carl Gustav Jung. Por essa razão, é de

extrema importância que se faça um breve, porém cuidadoso, estudo de tais conceitos.

Jung estudou e escreveu sobre assuntos variados no ramo da psicologia analítica. Em suas teses se fundamenta o estudo da Arteterapia e, conseqüentemente, o presente trabalho. No entanto, vale ressaltar que, para embasar as hipóteses aqui apresentadas, utiliza-se apenas parte dos conceitos desenvolvidos pelo Dr. Jung.

### *1.1.1 Inconsciente Pessoal X Inconsciente Coletivo*

Para a Psicologia Analítica, a psique humana é composta pela consciência e pela inconsciência, sendo esta subdividida em inconsciência pessoal e inconsciência coletiva.

Na consciência fica registrada a compreensão de eventos internos e externos. O estar desperto e atento, o observar e o recordar eventos que acontecem no mundo, no próprio corpo e na própria mente caracterizam o estado de consciência de um indivíduo.

Ao nascer, o ser humano começa a desenvolver sua consciência, que se expande a cada descoberta ao longo da vida. Tal aquisição, então, é um processo contínuo, inerente à condição de estar vivo.

Já a inconsciência é conhecida como a instância geradora da consciência. Nela, se encontram lembranças de experiências que, por alguma razão, foram suprimidas da forma consciente da psique.

A subdivisão que se faz do aspecto inconsciente (pessoal e coletivo) é delicada: muitos autores concordam em dizer que os conteúdos coletivos e pessoais estão intimamente ligados, o que torna difícil a sua distinção. No entanto, podem-se perceber algumas diferenças. Nas palavras de Jung:

(...) o inconsciente coletivo é uma parte da psique que pode distinguir-se de um inconsciente pessoal pelo fato de que não deve sua existência à experiência pessoal, não sendo portanto uma aquisição pessoal. Enquanto o inconsciente pessoal é constituído essencialmente de conteúdos que já foram conscientes e no entanto desapareceram da consciência por

terem sido esquecidos ou reprimidos, os conteúdos do inconsciente coletivo nunca estiveram na consciência e portanto não foram adquiridos individualmente, mas devem sua existência apenas à hereditariedade. (JUNG, 2000, p. 53)

Para o autor, há grande diferença entre se ter vivenciado uma determinada experiência que, tendo sido consciente, passou ao nível da inconsciência, e se ter adquirido determinado conteúdo através da herança ancestral, ou seja, compreender uma experiência sem tê-la vivenciado.

De acordo com Santos (2008), os conteúdos presentes no inconsciente pessoal costumam ser revelados em sonhos, sintomas ou fantasias, baseados em lembranças pessoais que envolvam os sentimentos do indivíduo. Nele se inserem até mesmo as lembranças mais remotas, presentes na infância, uma vez que, para estarem presentes no inconsciente pessoal, antes, as reminiscências precisam ter passado pela consciência.

Por outro lado, o conceito de inconsciente coletivo apresenta-se mais polêmico e mais complexo que o anterior: para a Psicologia Analítica, é dele que se originam a consciência e o inconsciente pessoal. Sendo assim, deve-se entender o inconsciente coletivo como “(...) a camada mais profunda da psique, onde estão contidas todas as predisposições do vir a ser do ser humano, na forma de arquétipos.” (SANTOS, 2008, p. 39)

Para comprovar a existência dos conteúdos inconscientes (não somente os pessoais, mas também os coletivos), Jung estudou sobre os sonhos. Afinal, no momento em que está sonhando, um indivíduo experimenta imagens e situações livres da influência das intenções conscientes.

Além disso, a existência do inconsciente coletivo também pode ser comprovada por meio dos instintos – como a busca pelo alimento, por exemplo – que seres humanos e animais manifestam em seus primeiros minutos de vida. Para os estudiosos do assunto, tal fenômeno só pode ser explicado através de uma inteligência acumulada ao longo da história do mundo.

Ao longo de seus estudos, Jung descobriu que o inconsciente coletivo é formado da experiência de todos os seres humanos, acumulada ao

longo de milênios e transformada em certos traços, características latentes em cada ser humano, conhecidos como arquétipos.

Jung afirmou que os arquétipos são como formas latentes vazias esperando ser preenchidas, de forma individual, com representações pessoais advindas da própria vivência. Portanto, não se pode entender como hereditárias as imagens arquetípicas, mas deve-se compreender que a capacidade de desenvolver tais imagens é, sim, herança ancestral.

Como se pode supor, depois de tais afirmações, o fundador da Psicologia Analítica recebeu severas críticas. Duvidava-se da credibilidade de sua teoria, tida como mística e não como fruto de observações e experiências. É ele mesmo quem esclarece: “Apesar de me terem acusado frequentemente de misticismo, devo insistir mais uma vez em que o inconsciente coletivo não é uma questão especulativa nem filosófica, mas sim empírica.” (JUNG, 2000, p. 55)

Partido desse ponto, a teoria junguiana desenvolveu-se afirmando que, no inconsciente coletivo, estão guardados dados da memória emocional desenvolvida não por um indivíduo, mas pela espécie humana. Seria o caso, por exemplo, de experiências passadas de pais para filhos, durante gerações, que acabaram se tornando parte da própria natureza humana.

Nessa perspectiva, Santos (2008, p. 41) chama a atenção do leitor para a “incidência de temas análogos na mitologia e nas lendas populares, que seriam variações dos arquétipos que são formados na psique humana, a partir do acúmulo de experiências primordiais vividas por todos os seres humanos.”

Assim, no decorrer da análise da obra “O Pequeno Príncipe”, abordar-se-ão aspectos inerentes ao inconsciente do leitor – seja pessoal, seja coletivo – despertados pelas personagens e pelos acontecimentos presentes no texto. O despertar de tais aspectos é um dos fatores que possibilitam à Arteterapia utilizar a referida obra como ferramenta facilitadora para o processo terapêutico.

### 1.1.2 Arquétipos

O conceito de arquétipo é uma das peças-chave para a compreensão da teoria junguiana.

Este conceito se refere às imagens primitivas inseridas no inconsciente coletivo desde os primórdios do ser humano. São moldes inerentes ao ser desde o princípio da existência, os quais têm a função de atuar como fonte primordial para o amadurecimento da mente. (SANTANA, 2008)

Sabe-se que, ao definir o conceito de arquétipo, Jung pretendeu classificar algumas dessas imagens primitivas, chamando-as de moldes vazios, que devem ser preenchidos de forma individual, tendo como ponto de partida o contexto pessoal e psíquico de cada um.

No entanto, tende-se a procurar um número específico de arquétipos. Busca-se descobrir em quantos “moldes” a psique pode se “encaixar”. A tentativa de quantificar os arquétipos configura um equívoco, segundo Jung (2000, p. 58):

Há tantos arquétipos quantas situações típicas na vida. Intermináveis repetições imprimiram essas experiências na constituição psíquica, não sob a forma de imagens preenchidas de um conteúdo, mas precipuamente apenas formas sem conteúdo, representando a mera possibilidade de um determinado tipo de percepção e ação. Quando algo ocorre na vida que corresponde a um arquétipo, este é ativado (...).

Como se vê, existem diversos tipos de arquétipos, que se manifestam na medida em que as situações cotidianas vão surgindo. Sua compreensão implica na compreensão da própria psique e, conseqüentemente, facilita o caminho do autoconhecimento.

Os símbolos arquetípicos podem ser encontrados em mitos, contos, lendas e manifestações culturais de modo geral. Por essa razão, explorar-se-á a manifestação de tais símbolos no clássico “O Pequeno Príncipe”. Assim, dos arquétipos estudados por Jung, interessarão ao presente trabalho o *puer aeternus* e o herói.

O arquétipo do *puer aeternus* refere-se à criança que não quer crescer, à juventude eterna, mas também pode representar certos homens que têm exagerado complexo materno.

Monteiro (2009, p. 15) afirma que “Todo arquétipo comporta aspectos positivos e negativos, apresenta-se com duas faces”. Na representação positiva do *puer aeternus*, pode-se citar o comportamento de indivíduos que, durante os estágios da vida, agem com pertinente jovialidade. Por outro lado, há pessoas que trabalham o aspecto negativo do arquétipo: agem como crianças no sentido de não se comportarem coerentemente com a sua idade, com frequência mostram-se indisciplinadas e, por vezes, alienadas ao mundo que as cerca.

Segundo Santos (2008, pp. 101, 102), “O puer não está inclinado a receber conselhos, especialmente aqueles que exijam trabalho, acomodação ou vida dentro de limites”. Em vez disso, gosta de dar conselhos, de ensinar.

O herói, de acordo com a maioria dos mitos e contos de fadas, só consegue chegar à vitória depois de passar por uma longa e difícil jornada, que representa o seu processo de individuação.

Embora seja, na maioria dos casos, muito destemido, não consegue resolver todos os seus problemas sozinho. No caminho para a glória, o guerreiro encontra alguns ajudantes para as tarefas praticamente impossíveis de se realizar. Para Santos (2008, p.109), “Os personagens que surgem para ajudar o herói são representações simbólicas de sua psique total, que dá ao ego a força que lhe falta”.

A teoria junguiana entende que os momentos pelos quais passa o herói durante sua árdua jornada coincidem com as fases da vida humana, o que facilita a identificação dos indivíduos com os protagonistas de determinadas narrativas.

Os seres humanos admiram os heróis e almejam estar em seu lugar pela simples razão de que eles conseguem realizar tudo aquilo que um homem “comum” não conseguiria. Na verdade, o herói percorre a jornada da



individuação que todos os humanos precisam percorrer. Ele é a representação do inconsciente humano.

### 1.1.3 Ego X Self

O centro organizador de onde emana esta ação reguladora<sup>1</sup> parece ser uma espécie de “núcleo atômico do nosso sistema psíquico. Poder-se-ia denominá-lo também de inventor, organizador ou fonte das imagens oníricas. Jung chamou a este centro o *self* e o descreveu como a totalidade absoluta da psique, para diferenciá-lo do *ego*, que constitui apenas uma pequena parte da psique. (FRANZ, 1964, p. 161)

Ego e self são conceitos que permeiam toda a obra de Carl Gustav Jung e a partir dos quais se formam outros conceitos como consciente, inconsciente pessoal e inconsciente coletivo. Por essa razão, se faz necessária uma cuidadosa análise acerca dos significados e da importância de tais termos.

Segundo Netto (2006), self é o aspecto divino de cada ser humano, a parte da psique que contém toda a sabedoria da humanidade, acumulada através dos tempos. Nele também se encontram os instintos do homem, seu inconsciente (pessoal e coletivo).

Também conhecido como o si-mesmo, sua função é orientar a psique, pois possui tanto aspectos conscientes como inconscientes, estes, muitas vezes, ligados ao contato com o divino. Por isso, afirma-se o caráter subjetivo do self.

Dada a subjetividade do si-mesmo, a psicologia junguiana esclarece que o ser humano não é capaz de incorporar a totalidade representada pelo self, mas, para caminhar no processo de individuação, precisa tomar consciência de partes dele.

---

<sup>1</sup> ação que gera o imperceptível processo de crescimento psíquico: o processo de individuação.

Sendo assim, o self, semelhantemente aos chamados instintos, funciona como uma “voz”<sup>2</sup> que vem de dentro do indivíduo para aconselhá-lo e ajudá-lo nas decisões que devem ser tomadas ao longo de sua vida. Logo, “ouvir” ou não essa voz implica em manter ou não contato com o próprio self.

Ego, para Santos (2008, p. 56), “É o pré-requisito para o pensamento, o sentimento e o agir consciente, caracterizado por um alto grau de continuidade e identidade consigo próprio”.

Embora também seja constituído por aspectos conscientes e inconscientes, está no centro da consciência humana, tornando a cada pessoa sujeito consciente de seus próprios atos. A partir do momento em que o ego (ou o eu) passa a ter contato com os conteúdos da psique, estes se tornam conscientes.

Sua função, como centro da consciência, é gerenciar as informações na psique humana: é ele quem determina os conteúdos que permanecerão na consciência e aqueles que serão transferidos para o inconsciente. Enfim, a consciência é regulada pelo ego.

Netto (2006) explica que, em um estado normal, o ego se aproxima e se afasta do self, absorvendo um pouco mais dele a cada vez em que essa aproximação ocorre e, conseqüentemente, conscientizando-se um pouco mais. Nesse processo, a consciência humana se desenvolve na medida em que mantém contato com seu aspecto divino, seu inconsciente. A relação entre ego e self é, portanto, o ponto de partida para o autoconhecimento, para a individuação.

## 1.2 O Processo De Individuação

Carl Gustav Jung, psicólogo e um dos maiores pensadores do século XX, dizia que somente quando o homem toma consciência de sua vida, ela é real. Caso contrário, é como se a vida não existisse. (...) O propósito da vida humana é a

---

<sup>2</sup> Terminologia utilizada por NETTO (2006, p. 88)

criação da consciência. Esse fenômeno é chamado por ele de processo de individuação. (NETTO, 2006, p. 35)

A definição dada por Roberto Lima Netto é uma versão concisa do complexo processo de individuação de que fala Jung.

Tal processo se dá no ser humano espontânea e inconscientemente, mas só se torna real na medida em que se toma consciência dele. De certa forma, a individuação se refere ao período de amadurecimento do indivíduo, ao longo do qual ele se torna consciente de seu desenvolvimento.

Partindo do princípio de que, uma vez vivo, o ser humano passa por um aprendizado variado e contínuo, não é difícil supor que o processo de individuação é constante e só termina quando a vida chega ao fim.

Segundo Franz (1964), muitas vezes, o ego atrapalha o processo de individuação, pois o caráter racional e utilitarista do homem impede que as exigências da psique inconsciente conduzam-no rumo ao autoconhecimento que o fará crescer.

É o mesmo autor que apresenta algumas condições favoráveis ao processo de individuação:

(...) para realizar um processo de individuação é preciso nos submetermos, conscientemente, ao poder do inconsciente, em lugar de pensarmos em “que devemos fazer” ou “o que se consideram melhor fazer”, ou “o que se faz habitualmente” etc. é preciso apenas ouvir para poder compreender o que a totalidade interior – o self – quer que façamos, aqui e agora em uma determinada situação. (FRANZ, 1964, p. 63)

O que se espera, portanto, é que os homens se tornem voluntariamente capazes de preterir as necessidades imediatistas do ego e de se submeter aos impulsos do self para, assim, progredir na infindável jornada rumo ao autoconhecimento. Espera-se, enfim, que os homens sejam capazes de buscar algo que ainda não conhecem, não dominam com sua mente racional.

Entretanto, a sociedade na qual esses homens estão inseridos não favorece o processo de individuação: o progresso das ciências tecnológicas e a crescente busca pelo ter (em detrimento do ser) impedem que as pessoas se lancem rumo ao desconhecido para alcançar a satisfação pura e simplesmente pessoal de manter contato com o si-mesmo, de conhecer seu próprio caráter divino.

Assim, reprime-se constantemente qualquer manifestação que não se encaixe nos moldes racionalistas, o que torna a individuação uma experiência ainda mais inalcançável aos condicionados olhos humanos.

Além disso, a harmonização entre consciente e inconsciente advinda do processo de individuação causa certo sofrimento ao sujeito, pois o ego (consciente) passa por inúmeras frustrações ao ser tolhido pelo self.

Caminhar rumo à individuação é, então, uma difícil escolha, uma vez que traz, em seu bojo, uma série de sofrimentos. No entanto, não deixa de ser uma escolha. Tornar-se um indivíduo (único, indivisível) é uma decisão necessária ao amadurecimento humano. Sofrer faz parte desse processo que, como não poderia deixar de ser, é diferente para cada um. A decisão de iniciar uma jornada para cujo sucesso não há receitas deve ser tomada individual e conscientemente.

### **1.3 Uma Visão Sobre O Conceito De Criança Interior**

Outro conceito bastante difundido na obra de Carl Gustav Jung é o de criança interior: “A criança interior (...) é a alma da pessoa, é a imagem primordial do Self, o cerne de nosso ser individual. Ela contém o poder criador e motivador. É a espontaneidade e o deslumbramento em nós.” (site: IJRS)

Segundo o fundador da psicologia analítica, em cada ser humano habita uma criança que representa a renovação da consciência. Trata-se da representação não só daquilo que existiu no passado, no princípio da vida, mas também do “eu” que vive sempre buscando um espaço no rígido mundo adulto.

A criança interior motiva o indivíduo a buscar sua expressão pessoal no mundo coletivo habitado pelos adultos. Nesse mundo, as expressões individuais são frequentemente oprimidas, o que afasta o sujeito de sua personalidade, de seus desejos pessoais. Quando isso acontece, a criança interior precisa se manifestar para impedir que o contato com a essência divina se perca.

Assim como qualquer jovem criatura, tal criança se revela sempre espontânea: ora alegre e cheia de vida, ora impaciente e pirracenta. Quer apresentando-se positivamente ou negativamente, no entanto, expressa seus desejos mais íntimos, refletindo a reação do si-mesmo às pressões do mundo externo.

Por essa razão, é comum que as pessoas, em situações de dificuldade, desespero e grande pressão, tenham reações tidas como infantis. Ocorre que é justamente nesses momentos que se tende ao retorno para o si-mesmo; é nesses momentos que se dispõe a ouvir a voz da criança que acompanha o ser humano desde seus primeiros minutos de vida e que, justamente por conhecê-lo bem, encontra mais facilmente as melhores soluções para o “eu”.

Evidentemente, o sujeito que negligencia a própria criança interior promove uma interrupção em seu processo de individuação, uma vez que é ela quem impulsiona o homem a olhar para si mesmo em meio às turbulências da vida cotidiana. Assim, essa figura arquetípica é de grande importância para a compreensão do caminho da individuação e, portanto, do tema abordado pelo presente trabalho.

## CAPÍTULO 2

### NAS ENTRELINHAS

Antoine de Saint-Exupéry, conhecido autor francês, antes de se dedicar à literatura, trabalhou como piloto aviador durante a Segunda Guerra Mundial. Por esse motivo, muitos encontram uma correspondência autobiográfica entre o autor e o personagem piloto de seu livro.

Sua posição política era tão revolucionária quanto a visão de mundo do pequeno príncipe, seu personagem. Exupéry declarava-se contra o nazismo, tendo, por isso, lutado pela resistência contra a ocupação da França pela Alemanha na década de 40 do século XX.

Escrito e ilustrado pelo piloto em meio a uma devastadora guerra, o livro teve enorme aceitação. Seu tema chamava a atenção das pessoas, ávidas pela esperança pregada pelo príncipezinho. Desde sua publicação, em 1943, até os dias atuais, “O Pequeno Príncipe” manteve-se como um clássico, cada vez mais lido e mais traduzido.

A misteriosa morte de Exupéry, um ano após a publicação do livro, chamou ainda mais a atenção do público. O piloto saiu em um voo de trabalho e não mais voltou. Seu avião, sem deixar rastros, simplesmente desapareceu. Muito se especulou sobre o assunto. Foram levantadas diversas hipóteses para o desaparecimento do aviador, inclusive a de que ele teria ido “se encontrar” com o Príncipe. No entanto, durante muito tempo, manteve-se o mistério. Somente em 2004 foram encontrados destroços do avião de Exupéry no oceano, oficializando sua morte.

Em 1987, um asteroide foi batizado de Saint-Exupéry por astronautas russos. Também se podem encontrar homenagens ao clássico impressas na nota de cinquenta francos. Inúmeros filmes e peças teatrais abordaram o tema.

Diante desses fatos, não se pode negar que as pessoas se identificam com a obra, motivo pelo qual se propõe a sua utilização nos trabalhos arteterapêuticos.

Logo no princípio de seu livro, Exupéry apresenta ao leitor uma questão polêmica: a dificuldade que os adultos têm de mergulhar no universo infantil.

O narrador-personagem, quando criança, produzira um belíssimo desenho no qual apresentava uma jiboia digerindo um elefante. Ao ver a ilustração, porém, as “pessoas grandes” interpretaram-no como um chapéu. Sosa (1991, pp. 20, 21) explica que, nesse caso, os adultos são capazes de enxergar um chapéu onde há uma cobra porque

(...) percebem a realidade superficialmente, no que “parece ser”, na aparência. Por que dizem “um chapéu” e não, por exemplo, “uma montanha”? Porque as ‘pessoas grandes se sentem mais familiarizadas com coisas artificiais, produzidas em série.

Como se sabe, o questionamento que norteia a obra de Exupéry envolve a superficialidade com que os seres humanos, na idade adulta, encaram a vida, o semelhante e a si mesmos. Já notando tal superficialidade, o narrador da história tenta facilitar a compreensão dos adultos acerca de seu desenho. Assim, na segunda versão da ilustração, apresenta, no interior da jiboia, o elefante.

Entretanto, para a sua decepção, foi aconselhado a deixar de lado os desenhos e se dedicar ao estudo da geografia, da gramática e da matemática. De forma insensível, os adultos frustraram as aspirações criativas de um menino de 6 anos, tolhendo também sua necessidade de se comunicar e de ser reconhecido por sua pequena obra de arte. A consequência dessa frustração, como a narrativa esclarece, foi que precocemente as tendências artísticas daquele menino cederam espaço à carreira de aviador.

Evidentemente, Exupéry não pretende criticar os adultos que decepcionaram o personagem de sua trama. A crítica vai além, pois atinge a

toda a “gente grande” que fecha os olhos para as incômodas inovações que fogem ao padrão de normalidade pré-estabelecido; atinge àqueles que bloqueiam as aspirações de

(...) tantos jovens, aos quais os rígidos esquemas ocupacionais e a competitiva e quantificada hierarquia de valores do mundo das “pessoas grandes” impedem antever aventuras vocacionais menos pré-fabricadas, mais atrativas, mais humanas e mais psicologicamente libertadoras. (SOSA, 1991, p. 23)

As consequências da massificação criticada por Exupéry são devastadoras para a formação da personalidade, da consciência crítica e atrapalham sobremaneira o processo de individuação. Um ser humano enquadrado nos padrões aceitos pela sociedade teme ser excluído dos círculos sociais que frequenta, por isso, se esforça para não desagradar a ninguém. Não pensa, também, em ser diferente: rejeita ou esconde todos os aspectos do próprio caráter que o transformem em alguém “não-normal”.

Dessa forma, a repressão vai fazendo parte da rotina dos seres humanos. Estes assistem passivos ao esmagamento da própria personalidade, calando seus pensamentos e sentimentos e bloqueando o próprio processo de maturação em nome de uma vida “socialmente aceita”.

A polêmica apresentada por Exupéry convida o leitor a uma atenta reflexão sobre a grande divergência entre o modo como adultos e crianças encaram a vida. O embate entre a lógica adulta e a espontaneidade infantil permeia a obra que, muito além de um conto de ficção, traz ao leitor a oportunidade para uma profunda reflexão sobre seus conceitos e pré-conceitos e para uma consequente revisão de valores.

## **2.1 Símbolos**

Há em “O Pequeno Príncipe” grande e importante quantidade de elementos simbólicos nos quais se fundamenta a construção dessa narrativa. Sabe-se que os símbolos são representações culturais da humanidade, razão



pela qual constituem objeto de interesse para a Arteterapia. Portanto, faz-se indispensável a análise de algumas das simbologias de que Exupéry lançou mão em sua obra.

### 2.1.1 O Deserto

Não foi por vontade própria que o piloto quebrou sua falsa segurança advinda da rotina social na qual estava inserido. A experiência por que passou foi tão inevitável quanto a pane sofrida por seu avião em pleno deserto do Saara. Perdido no meio de um lugar desconhecido e inabitado, de nada adiantavam as convenções sociais. Surgiu, então, uma oportunidade de autodescoberta: “Na primeira noite adormeci pois sobre a areia, a milhas e milhas de qualquer terra habitada. Estava mais isolado que o naufrago numa tábua, perdido no meio do mar”. (EXUPÉRY, 1980, p. 11)

Popularmente, diz-se que, se alguém está em “seu deserto”, tende a buscar o autoconhecimento. Entretanto, a Bíblia Sagrada cristã, em diversas passagens, associa esse lugar à tentação, por ser um ambiente povoado de demônios. Uma das passagens bíblicas mais conhecidas retrata o momento em que Satanás tenta a Jesus Cristo em pleno deserto. No Novo Testamento, o quarto capítulo do livro de Mateus registra o seguinte trecho:

A seguir, foi Jesus levado pelo Espírito ao deserto, para ser tentado pelo diabo. E, depois de jejuar quarenta dias e quarenta noites, teve fome.

Então, o tentador, aproximando-se, lhe disse: Se és Filho de Deus, manda que estas pedras se transformem em pães. Jesus, porém, respondeu: Está escrito que não só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus.

Então, o diabo o levou à Cidade Santa, colocou-o sobre o pináculo do templo e lhe disse: Sé és Filho de Deus, atira-te abaixo, porque está escrito que aos teus anjos ordenará a teu respeito que te guardem e eles te susterrão nas suas mãos, para não tropeçares nalguma pedra. Respondeu-lhe Jesus: Também está escrito que não tentarás o Senhor, teu Deus.

Levou-o ainda o diabo a um monte muito alto, mostrou-lhe todos os reinos do mundo e a glória deles e lhe disse: Tudo isto lhe darei se, prostrado, me adorares. Então, Jesus lhe ordenou: Retira-te, Satanás, porque está escrito que ao Senhor, teu Deus, adorarás, e só a ele darás culto.

Com isto, deixou-o o diabo, e eis que vieram anjos e o serviram. (A BÍBLIA DA MULHER, 2003, pp. 1160 e 1161)

Como se vê, somente estando sozinho, Jesus pôde ouvir a voz de seu inimigo. Partindo dessa perspectiva, entende-se o deserto como a representação da solidão, do abandono, o que dá a tal símbolo um caráter negativo. Entretanto, a mesma passagem se encerra com uma mensagem otimista: a resistência ao deserto faz dele um lugar de superação.

Champlin (2002) reafirma a duplicidade do deserto. Segundo o autor, se, por um lado, os sentimentos de desolação despertados por lugares ermos fazem com que as pessoas vejam tais lugares como propícios à manifestação do mal, por outro, há que se considerar a diversidade de vida biológica, animal e vegetal que habitam o deserto.

Também no clássico de Exupéry (1980, p. 11) apresenta-se o deserto como um desafio mortal: "(...) preparei-me para empreender sozinho o difícil conserto. Era, para mim, questão de vida ou morte. Só dava para oito dias a água que eu tinha". O isolamento em um lugar tão árido representava, para o personagem-narrador da história, um grande perigo de cuja superação dependia a própria vida.

Em meio a tão séria situação, o aviador em questão surpreendeu-se sobremaneira quando foi acordado pela intrigante figura de um pequeno garotinho que lhe pedia, em pleno deserto do Saara, que lhe desenhasse um carneiro. Vendo-se livre dos padrões de normalidade, o piloto já pôde admitir um comportamento socialmente tido como absurdo: simplesmente começou a dialogar com a pequena criatura que o encontrou.

Mais surpreendente que isso é o desenrolar da história: de tão impressionado com aquela visão e com o caráter insólito da situação, o homem não conseguiu recusar o pedido. Subitamente, se viu retirando do bolso uma folha de papel e uma caneta.

Entretanto, não demorou muito para que se lhe apresentasse o aparente absurdo de seu ato: dar atenção àquele ser implicaria no atraso do concerto do avião e, portanto, poderia configurar um grave erro.

Simbolicamente, o deserto, na narrativa francesa, representaria o lugar propício a uma jornada de autoconhecimento e a voz do príncipezinho representaria a criança interior, com seu simples pedido por atenção.

Enquanto a situação narrada por Exupéry não havia passado pelo filtro da racionalidade, o piloto deu ouvidos àquela voz desconhecida. Porém, ao raciocinar sobre o acontecimento, pôs de lado essa voz, para continuar com seu trabalho urgente e conhecido.

Mas, insistente, a pequena criatura não parava de fazer seu pedido, despertando em seu interlocutor uma sensação há muito esquecida: o desejo de desenhar. Tal insistência fez com que o narrador relembresse a rejeição que suas criativas “obras de arte” sofreram quando de sua infância.

Embora relutante, o homem adulto entregou-se aos desejos infantis, tendo realizado diversas tentativas de desenhar um carneiro, todas rejeitadas pelo príncipezinho. Já cansado de tantos desenhos recusados, fez o último – uma caixa rabiscada. É surpreendente o desfecho:

- Esta é a caixa. O carneiro está dentro.  
Mas fiquei surpreso de ver iluminar-se a face do meu pequeno juiz:
- Era assim mesmo que eu queria! (EXUPÉRY, 1980, pp. 14 e 15)

O perturbador diálogo permite ao atento leitor uma analogia: a criança que habita, segundo Jung, o interior de cada um, frequentemente revela-se prática e simples. O hábito de dificultar as situações cotidianas e transformar um trabalho corriqueiro em uma tarefa complexa, no entanto, faz com que a “gente grande” não dê ouvidos a essa criança.

Assim, não é de se surpreender que o pequeno príncipe, representação da sábia criança interior, tenha pedido ao seu novo amigo que lhe desenhasse um carneiro. De acordo com Chevalier e Gheerbrant (2008, p.

189), este animal “(...) simboliza a força genésica que desperta o homem e o mundo, e que assegura a recondução do ciclo vital (...)”. A criatura desconhecida solicita ao outro que simbolize aquilo de que, mesmo sem se dar conta, ele necessita: força para promover uma mudança em sua vida.

Semelhantemente ao piloto do conto francês, que, envolvido nos reparos de seu complicado avião quebrado, evitava ceder ao assédio da criatura desconhecida, muitas pessoas ignoram sua criança interior por conta das dificuldades do dia-a-dia. Para ouvi-la, muitas vezes, precisam passar pelo deserto, pelo conflito. Frequentemente é dessa forma que humanos se sensibilizam e abrem espaço em suas vidas para o novo.

Quando tal transformação ocorre, apresenta-se o aspecto positivo do deserto: nesse caso, o sofrimento gera o crescimento, assim como o medo de morrer sozinho no deserto despertou, naquele aviador, a paixão pela vida.

### 2.1.2 *A Rosa*

Para o pequeno príncipe havia algumas coisas verdadeiramente preciosas na vida, e todas estavam, até ele conhecer o aviador, reunidas em seu pequeno planeta.

Lá havia dois vulcões em atividade, que ele utilizava como fogareiros e um vulcão adormecido, que ele revolia todos os dias juntamente com os outros dois, pois poderia entrar em atividade a qualquer momento.

Havia também um solo cheio de sementes de baobá, árvore típica das savanas africanas, cujo tronco está entre os mais grossos do mundo. Diariamente, o príncipezinho se dedicava ao trabalho de arrancar os brotos de baobá. Segundo ele, para sustentar tão grosso tronco, eram necessárias raízes também grossas e profundas, que destruiriam seu pequeno planeta. Por isso, era preciso exterminá-las antes que se desenvolvessem.

Entretanto, o bem mais precioso daquele príncipe era uma rosa. Esta era, para ele, o único exemplar de uma flor raríssima e preciosa. Por isso, cuidava dela com esmero. E a amava. Por amá-la, suportava seus caprichos e

suas vaidades, sem criticá-la. O amor que ele nutria por aquela rosa permitia-lhe uma visão serena e simples do mundo:

Se alguém ama uma flor da qual só existe um exemplar em milhões e milhões de estrelas, isso basta para que seja feliz quando as contempla. Ele pensa: “Minha flor está lá, nalgum lugar (...)”. (EXUPÉRY, 1980, p. 30)

Quando decidiu abandonar definitivamente seu planeta para conhecer outros lugares, o príncipezinho carregou consigo a lembrança de sua adorada e única rosa. A frustração veio quando, passeando por uma estrada, encontrou um jardim repleto de flores, todas iguais à sua. Rapidamente, o amor transformou-se em tristeza e, depois, em raiva. A ideia de que era único por possuir uma rosa única, caiu por terra e, com isso, as lágrimas lhe vieram:

E ele sentiu-se extremamente infeliz. Sua flor lhe havia contado que ela era a única de sua espécie em todo o universo. E eis que havia cinco mil, iguaizinhas, num só jardim!

“Ela haveria de ficar bem vermelha, pensou ele, se visse isto... Começaria a tossir, fingiria morrer, para escapar ao ridículo (...)”

Depois refletiu ainda: “Eu me julgava rico de uma flor sem igual, e é apenas uma rosa comum que eu possuo. Uma rosa e três vulcões que me dão pelo joelho, um dos quais extinto para sempre. Isso não faz de mim um príncipe muito grande...” E, deitado na relva, ele chorou. (Ibidem, p. 67)

A desilusão trouxe àquele príncipezinho a consciência de que seu mundo não era o único que existia e, diante da grandeza do universo, não era também o mais importante. Foi só ao conhecer uma nova amiga que ele pôde perceber que aquele mundo deveria ser o mais importante para si mesmo, para mais ninguém.

A raposa, que, na cultura ocidental, simboliza a consciência humana, dada a sua astúcia, apresentou ao pequeno príncipe a noção de cativar. Sua explicação foi simples: só se tornam amigos aqueles que se conhecem, que se cativam, que têm necessidade um do outro.

Tendo compreendido o significado da verdadeira amizade, o príncipezinho rapidamente desfez a má impressão a respeito de sua rosa, aconselhado pela raposa: “Vai rever as rosas. Tu compreenderás que a tua é a única no mundo.” (EXUPÉRY, 1980, p. 72)

Sabe-se que a rosa, no Ocidente, representa uma perfeição acabada, sem mácula. Era exatamente dessa forma que o pequeno príncipe via sua flor e é exatamente essa visão que a narrativa desconstrói.

No clássico francês, a função da rosa não é somente apresentar ao personagem-título o amor genuíno, advindo da amizade verdadeira, mas também as decepções que acompanham qualquer relacionamento. Sua mensagem, então, corroboraria a ideia de que, ainda que haja amor, as relações não são perfeitas, pois as pessoas não o são (nem qualquer criatura, como demonstra Exupéry).

Para Chevalier e Gheerbrant (2008, p. 788), no cristianismo, “(...) a rosa é ou a taça que recolhe o sangue de Cristo, ou a transfiguração das gotas desse sangue, ou o signo das chagas de Cristo”. Por essas atribuições sagradas, a rosa – especialmente a vermelha – passou a representar a vida, a alma e o amor. Este último, porém, em seu estado mais puro.

É interessante pensar que a rosa da qual o pequeno personagem de Exupéry cuidava com tamanho esmero aparece vermelha nas ilustrações do livro – feitas pelo próprio autor. A simbologia cristã da rosa, sobretudo a vermelha, assemelha-se à relação existente entre a flor e o personagem: as chagas dessa amizade tornaram-na pura.

Novamente, os símbolos em “O Pequeno Príncipe” transmitem ao leitor a mensagem de que o sofrimento promove o desenvolvimento, ou seja, favorece o processo de maturação.

### 2.1.3 O Poço

No oitavo dia da pane sofrida pelo avião do narrador de “O Pequeno Príncipe”, sua água acabara e a solução para o problema da aeronave ainda

não se apresentara. A iminência da morte estava deixando o avião preocupado, e seu pequeno companheiro só fazia falar de suas lembranças.

Diante da impaciência do homem, o pueril príncipe sugeriu que procurassem um poço. Tal sugestão, evidentemente, foi julgada absurda pelo interlocutor que, embora sem esperanças, pôs-se a caminhar a esmo pelo deserto. Para animá-lo, o príncipezinho lançou mais uma de suas misteriosas frases: “O que torna belo o deserto (...) é que ele esconde um poço nalgum lugar.” (EXUPÉRY, 1980, p. 79)

Tendo caminhado a noite inteira, movido, não propriamente pela esperança, mas pela impossibilidade de ficar esperando, sentado, pela morte, o avião carregava, ao amanhecer do dia, o pequeno companheiro no colo, adormecido. Juntamente com os primeiros raios de sol, ele descobriu um poço:

O poço a que tínhamos chegado não se parecia de forma alguma com os poços do Saara. Os poços do Saara são simples buracos na areia. Aquele parecia um poço de aldeia. Mas não havia ali aldeia alguma, e eu julgava sonhar. (Ibidem, p. 80)

Segundo Chevalier e Gheerbrant (2008), o poço, em todas as tradições, apresenta um caráter sagrado, pois sintetiza três ordens cósmicas (céu, terra e infernos) e três elementos (água, terra e ar). Esse caráter sagrado é reforçado pelo fato de que o poço simboliza a abundância e a fonte da vida, especialmente para os povos que julgam as nascentes como manifestações milagrosas.

Ainda de acordo com os autores supracitados, o poço também é um símbolo do conhecimento ou da verdade. Partindo desse ponto, o poço também representaria o homem que atingiu o conhecimento.

Encontrar o poço descrito pelo narrador em meio ao deserto do Saara seria tão intrigante quanto encontrar uma criatura como o pequeno príncipe. A água oferecida por aquele poço seria, portanto, uma espécie de milagre por ser capaz de satisfazer o piloto em dois aspectos: saciar a sua

sede física e representar o fruto de um empenho pessoal – a caminhada e o esforço dos seus braços.

A cena descrita na sequência apresenta um diálogo entre o homem grande e a criança:

- Os homens do teu planeta, disse o príncipezinho, cultivam cinco mil rosas num mesmo jardim... e não encontram o que procuram...
  - Não encontram, respondi...
  - E no entanto o que eles buscam poderia ser achado numa só rosa, ou num pouquinho d'água.
  - É verdade.
- E o príncipezinho acrescentou:
- Mas os olhos são cegos. É preciso buscar com o coração...
- (EXUPÉRY, 1980, pp. 82 e 83)

A caminhada, o esforço e o desejo empreendidos em nome daquela água fizeram com que o avião a desejasse mais que fisicamente. Seus sentimentos se empenharam naquela tarefa tanto quanto seu corpo. A saciedade advinda da água não foi somente física, portanto: foi também emocional.

Muito além de uma fonte de água, pode-se dizer que o protagonista da cena descrita por Exupéry encontrou o autoconhecimento. Ele encontrou, em si mesmo, a força para sobreviver à crise; encontrou a força para buscar o elemento de que necessitava o seu corpo. E, com essa descoberta, também encontrou, em si mesmo, a força para superar seus desafios.

A busca pela água no deserto representa, simbolicamente, a procura pela esperança em meio à dificuldade. A súplica do pequeno príncipe, que apelou para que seu amigo – que dependia dessa água para sobreviver – não desanimasse da busca é semelhante ao pedido que a criança que habita o interior de cada ser humano faz. Esta pede para que se busque pela água da vida plena, símbolo da esperança, da satisfação pessoal. Cabe a cada um escolher dar – ou não – os primeiros passos em direção ao deserto. Cabe a cada um ouvir – ou não – a voz de sua criança interior.



#### 2.1.4 A Serpente

A figura da serpente, por si só intrigante, aparece no penúltimo capítulo do livro de Exupéry em diálogo com o pequeno príncipe. Este, planejando retornar ao seu planeta, procurava o meio mais fácil de fazê-lo e aquela, astuta, ofereceu-lhe ajuda: uma picada facilitaria a planejada viagem.

O aviador, tendo flagrado o diálogo, apavorou-se diante do perigo a que seu amiguinho se sujeitava estando tão próximo de “(...) uma dessas serpentes amarelas que nos liquidam num minuto.” (EXUPÉRY, 1980, p. 85) Repreendeu-o, mas sua atitude foi ignorada pelo príncipe que, imprevisível e um tanto misterioso, disse-lhe:

- Estou contente de teres descoberto o defeito do maquinismo. Vais poder voltar para casa...
- Como soubeste disso?
- Eu vinha justamente anunciar-lhe que, contra toda expectativa, havia realizado o conserto!
- Nada respondeu à minha pergunta, mas acrescentou:
- Eu também volto hoje para casa...
- Depois, com melancolia, ele disse:
- É bem mais longe... bem mais difícil... (Ibidem, p. 86)

A amizade sutilmente construída entre os protagonistas da trama vai chegando a um momento crítico: a despedida. De ambas as partes, vem a necessidade de abandonar o deserto, local onde aconteceram tantas descobertas. O piloto, contrariando a lógica racional e vivenciando mais um milagre naquele local árido, consertou sua aeronave; o príncipe, depois de um ano longe de seu planeta, teve a oportunidade de regressar na mesma estrela que o levou até o deserto.

A dor da despedida aumentou para o narrador no momento em que este descobriu a maneira de viajar escolhida por seu amigo. Ele se justificou: “Tu compreendes. É longe demais. Eu não posso carregar esse corpo. É muito pesado” (Ibidem, p. 91). Aparentemente, o príncipezinho resolvera morrer. Entretanto, não é exatamente isso que ele diz ao aviador. Temendo que o amigo o interpretasse mal e que também fosse picado pela serpente, pede para ficar a sós com ela:

- Esta noite... tu sabes... não venhas.
  - Eu não te deixarei.
  - Eu parecerei sofrer... eu parecerei morrer. É assim. Não venhas ver. Não vale a pena...
  - Eu não te deixarei.
- Mas ele estava preocupado.
- Eu digo isto... também por causa da serpente. É preciso que não te morda. As serpentes são más. Podem morder por gosto. (EXUPÉRY, 1980, p. 90)

O tipo de morte por que o príncipezinho se propôs a passar não seria propriamente o fim de sua vida, mas um meio de transcender a existência física em busca de um objetivo maior. Alcançar o que lhe era valioso independia de seu corpo, por isso a morte simbólica daquilo que o atrapalhava no momento.

Embora tivesse essa consciência, o personagem-título sabia perfeitamente que seu amigo “grande” se objetaria à ideia, por isso, foi ao encontro da serpente às escondidas. Como o piloto conseguiu alcançá-lo, deu-se o seguinte diálogo:

- Ah! estás aqui...
- E ele me tomou pela mão. Mas afligiu-se ainda:
- Fizeste mal. Tu sofrerás. Eu parecerei morto e não será verdade... (Ibidem, p. 90)

O aviador já não tentava mais impedir o seu companheiro de deixar-se picar pela serpente. Acompanhava-o, somente, como que para ter certeza de que isso aconteceria. E de fato aconteceu: “Houve apenas um clarão amarelo perto da sua perna. Permaneceu, por um instante, imóvel. Não gritou. Tombou devagarzinho como uma árvore tomba. Nem fez sequer barulho, por causa da areia.” (Ibidem, p. 93)

A serpente, figura central desse episódio, há muito tem sido alvo da curiosidade das pessoas. Ao longo da história da humanidade, ele vem sendo ora amaldiçoada, ora adorada, sempre despertando o interesse de muitos.

No Gênesis, primeiro livro da Bíblia Sagrada cristã, conta-se como Eva, a primeira mulher, foi enganada por uma serpente (que muitos julgam a

encarnação de Satanás, embora a passagem bíblica não utilize este nome) pondo em desgraça todo o destino da humanidade:

Mas a serpente, mais sagaz que todos os animais selváticos que o Senhor Deus tinha feito, disse à mulher: É assim que Deus disse: Não comereis de toda árvore do jardim?

Respondeu-lhe a mulher: Do fruto das árvores do jardim podemos comer, mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, disse Deus: Dele não comereis, nem tocareis nele, para que não morrais.

Então, a serpente disse à mulher: É certo que não morrereis. Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes se vos abrirão os olhos e, como Deus, sereis conhecedores do bem e do mal.

Vendo a mulher que a árvore era boa para se comer, agradável aos olhos e árvore desejável para dar entendimento, tomou-lhe do fruto e comeu e deu também ao marido, e ele comeu. (A BÍBLIA DA MULHER, 2003, pp. 9 e 10)

Para Eva, o ato de dar ouvidos à serpente, o mais sagaz de todos os animais, segundo o relato bíblico, significou ser amaldiçoada, juntamente com seu marido. À serpente, Deus disse:

Visto que isso fizeste, maldita és entre todos os animais domésticos e o és entre todos os animais selváticos; rastejarás sobre o teu ventre e comerás pó todos os dias da tua vida. Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e o seu descendente. Este te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar. (Ibidem, pp. 10 e 11)

Não se pode negar que a história da queda da humanidade, contada no Gênesis bíblico, promoveu a imagem repulsiva que se faz da serpente, tornando-a um símbolo de maldição. O castigo de andar de rastos converteu-se em sinal da sua degradação e o homem passou a devotar-lhe grande ódio.

Entretanto, a própria Bíblia apresenta o aspecto positivo desse símbolo. De acordo com Chevalier e Gheerbrant (2008), deve-se notar que, nos textos sagrados, as serpentes enviadas por Deus mataram muitos em Israel, mas foi através delas que o povo de Deus reencontrou a vida. Moisés, orientado pelo Criador, construiu, em bronze, uma estátua na qual figurava

uma serpente abrasadora. Todos os que, picados por uma víbora, contemplassem a estátua, viveriam.

Não é somente nos relatos cristãos que a serpente apresenta um aspecto positivo. É preciso levar-se em consideração que grande parte das cobras possui um veneno mortal. Seu antídoto, porém, tem como matéria prima o próprio veneno, o que evidencia a tese de que a serpente encerra em si o bem e o mal.

Também positiva é a serpente que simboliza a ciência da medicina. Ela simboliza, para os médicos, o bem e o mal, ou seja, a saúde e a doença; simboliza, ainda, a astúcia necessária ao exercício dessa profissão e o poder do rejuvenescimento (e da cura) por trocar periodicamente de pele.

Igualmente ambivalente é a relação entre serpente e homem. Para Chevalier e Gheerbrant (Ibidem), este situa-se no final de uma cadeia genética e aquela encontra-se no princípio desse mesmo ciclo. A partir daí, conclui-se que, embora opostos, homem e serpente se complementam e que, portanto, há um pouco de serpente no inconsciente humano.

Partindo do exposto, compreende-se com mais clareza a simbologia da astuta serpente retratada por Exupéry em sua obra. Misteriosamente, era ela quem detinha a solução de que o pequeno príncipe necessitava para retornar ao seu lugar de origem. Neste sentido, ela mostrou-se positiva, agiu com nobreza de espírito.

No entanto, era preciso que o aviador não se aproximasse dela, segundo o mesmo pequeno príncipe. Este tinha consciência de que a víbora era essencialmente má e poderia picar movida por sua maldade. Neste sentido, ela seria negativa, agiria com vilania.

Em suma, mais uma vez Exupéry utilizou a simbologia para transmitir ao leitor um ensinamento: é necessário abstrair o aspecto positivo daquilo que se mostra negativo, de modo que os problemas se transformem na própria solução, à semelhança da serpente que produz a matéria que pode dar origem à morte e também à vida.

## CAPÍTULO 3

### OS ARQUÉTIPOS EM O PEQUENO PRÍNCIPE

Sabe-se que, na definição junguiana, arquétipos são imagens primitivas às quais cada indivíduo, ao seu modo, se associa no decorrer da vida. Sabe-se também que Jung não estabeleceu um número limitado de arquétipos, uma vez que estes se manifestam de acordo com as mais diversas situações pelas quais cada um passa. Nesse sentido, Grinberg (2003, p. 136) defende que os arquétipos

(...) nos predis põem a experimentar a vida de acordo com alguns padrões estabelecidos na psique. Por seu intermédio, somos levados a repetir certas situações típicas de comportamento e adquirir determinadas experiências. Entretanto, o arquétipo não é uma experiência que se herda, mas o potencial de repetição dessa experiência.

A análise dos arquétipos está diretamente relacionada à compreensão da psique humana e, portanto, também está atrelada ao autoconhecimento, ao processo de individuação. Por essa razão, torna-se importante explorar algumas imagens arquetípicas utilizadas por Antoine de Saint-Exupéry em sua obra-prima.

“O Pequeno Príncipe” apresenta ao leitor uma série de personagens que, segundo Jung (2009), representam aspectos sombrios da psique humana. No livro, cada um desses personagens habita um planeta e vive como se fosse o único no universo. Em suas viagens, o príncipezinho conhece cada um deles e expressa certas impressões a seu respeito, revelando significativos traços de personalidade com os quais o leitor pode, em maior ou menor escala, identificar-se.

Identificando-se com os habitantes dos planetas presentes no clássico em questão e compreendendo a forma como eles agem e enfrentam as adversidades do cotidiano, o leitor pode, indiretamente, compreender o próprio modo de agir e pensar a vida, iniciando, assim, uma jornada rumo ao conhecimento do si-mesmo.

### 3.1 A Soberania

“Ele se achava na região dos asteróides 325, 326, 327, 328, 329, 330. Começou pois a visitá-los, para procurar uma ocupação e se instruir. O primeiro era habitado por um rei” (EXUPÉRY, 1980, p. 37)

Em sua busca por conhecimento, o príncipezinho se deparou com o primeiro personagem arquetípico, habitante do asteroide 325: um rei tradicionalmente vestido com um manto literalmente do tamanho de seu planeta e assentado soberano em seu trono.

Para Chevalier e Gheerbrant (2008), a figura do rei simboliza a autonomia, o autogoverno, a consciência plena e configura o arquétipo da perfeição humana. Em contrapartida, também pode representar a tirania, caso seu desejo de poder não seja controlado e voltado ao bem-estar do outro.

Em poucas páginas, Exupéry corrobora, na ficção, a teoria dos simbologistas supracitados. O monarca descrito pelo autor reconheceu no forasteiro um servo, seguindo, de acordo com o narrador, a tendência dos reis: “(...) para os reis, o mundo é muito simplificado. Todos os homens são súditos” (EXUPÉRY, 1980, p. 37)

Curiosamente, o único habitante daquele planeta era o soberano, razão pela qual este muito se alegrou ao ver uma criatura a quem pudesse comandar. Nesse ponto da narrativa, dá-se um interessante diálogo:

O príncipezinho procurou com os olhos onde sentar-se, mas o planeta estava todo atravancado pelo magnífico manto de arminho. Ficou, então, de pé. Mas, como estava cansado, bocejou.

- É contra a etiqueta bocejar na frente do rei, disse o monarca. Eu o proíbo.

- Não posso evitá-lo, disse o príncipezinho confuso. Fiz uma longa viagem e não dormi ainda...
- Então, disse o rei, eu te ordeno que bocejes. Há anos que não vejo ninguém bocejar! Os bocejos são uma raridade para mim. Vamos, boceja! É uma ordem!
- Isso me intimida... eu não posso mais... disse o príncipezinho todo vermelho.
- Hum! Hum! respondeu o rei. Então... então eu te ordeno ora bocejares e ora...  
Ele gaguejava um pouco e parecia vexado. (EXUPÉRY, 1980, pp. 37 e 38)

O confuso rei em questão, embora vivesse sozinho, intitulava-se soberano e tinha por hábito dar ordens. Estas, para serem cumpridas, adequavam-se às necessidades do comandado. Nas palavras do próprio soberano: “É preciso exigir de cada um o que cada um pode dar”. (Ibidem p. 40) No caso do príncipe, o bocejo - uma reação inicialmente natural ao cansaço - ora era proibido, ora, exigido. Em ambas as situações, o comando estava nas mãos do monarca e isso bastava para que ele se sentisse no controle dos acontecimentos.

A primeira frase dita pelo rei quando da chegada do príncipezinho – “Ah! Eis um súdito!” (Ibidem, p. 37) – e suas magníficas vestes revelam uma grande prepotência. Seu planeta é coberto pelo imenso manto, sem o qual o egocêntrico soberano poderia parecer uma pessoa comum. Para Jung (2009, p. 33), “O monarca representa, por assim dizer, o arquétipo negativo do rei, a apropriação do poder e a falsa autoridade. Esse questionável Rei nada mais faz além de organizar sua autoridade”.

Assim como no mundo visitado pelo príncipezinho, há, fora da ficção, muitos que agem como se pudessem controlar todos os eventos e todas as pessoas que estão ao seu redor.

Para isso, não se envergonham de recorrer à chantagem (como o rei do clássico francês que, diante da iminente partida de seu único súdito, ofereceu-lhe os cargos de Ministro da Justiça e de Embaixador) ou de entrar em contradição (o que também aconteceu com o soberano retratado na referida obra na medida em que este adequava suas ordens às possibilidades

do súdito). Não se envergonham nem mesmo de dispor da vida alheia: o rei garantiu ao príncipezinho que, sendo este Ministro da Justiça, poderia condenar um velho rato que habitava seu planeta. Só precisaria, para manter o cargo, perdoar sempre o rato para voltar a condená-lo posteriormente. O poder ilimitado que o soberano oferece banaliza o mal, permite que se brinque com a vida alheia apenas para garantir a satisfação de se estar no comando.

Para aqueles que agem dessa forma, o que realmente parece importar é ser obedecido. Na verdade, todos têm consciência de que o mundo independe da vontade isolada de um, mas, nesse caso, a atitude de julgar-se melhor e mais importante que o outro impede o indivíduo de reconhecer suas falhas e corrigi-las para alcançar a evolução, tornando-o, muitas vezes, arrogante.

O arquétipo do rei autoritário representa, então, todo aquele que se enxerga como o centro do mundo, cujas vontades todas devem estar, independentemente da situação, em primeiro lugar.

Pessoas que se identificam com esse arquétipo sofrem diante da frustração de seus planos e frequentemente entram em conflito com os que vivem ao seu redor, uma vez que nem todos admitem estar sob um jugo autoritário.

Segundo Jung (2009), o arquétipo retratado por Exupéry encoraja o leitor a reconhecer em si mesmo o aspecto autoritário e dominá-lo, além de resistir à dominação imposta pelo outro. Para isso, é necessário, por meio da reflexão, abrir mão do medo advindo da opressão imposta por ações autoritárias.

Entretanto, ressalta o autor, para não ceder à autoridade alheia, é preciso ignorar a tentação de se vender (aceitando, por exemplo, o cargo de Ministro da Justiça ou de Embaixador) e agir com firmeza semelhante à do príncipezinho que, diante da proposta feita pelo monarca, simplesmente foi embora, permanecendo firme em seu propósito, mas consciente de que “As pessoas grandes são muito esquisitas (...)”. (EXUPÉRY, 1980, p. 42)



### 3.2 A Vaidade

“O segundo planeta, um vaidoso o habitava.” (EXUPÉRY, 1980, p. 42).

Depois de ter conhecido um prepotente rei, o pequeno príncipe seguiu sua viagem rumo a um planeta cujo único habitante era um vaidoso ávido por um admirador: “- Ah! Ah! Um admirador vem visitar-me! exclamou de longe o vaidoso, mal vira o príncipe.” (Ibidem, p. 42)

O primeiro ensinamento que o protagonista do clássico infantil recebeu, nesse planeta, foi como bater palmas para que seu anfitrião tirasse o chapéu em sinal de agradecimento. Depois de aplaudido pelo mais novo “admirador”, o vaidoso questionou: “Não é verdade que tu me admiras muito?” (Ibidem, p. 44). Como o príncipezinho não soubesse ao certo o que significava admirar, o interlocutor esclareceu: “Admirar significa reconhecer que eu sou o homem mais belo, mais rico, mais inteligente e mais bem vestido de todo o planeta” (Ibidem, p. 44).

Típico representante do caráter pueril, o príncipe considerou o óbvio, questionando o homem vaidoso: ele era o único habitante daquele lugar e, portanto, não competia com ninguém pela supremacia da beleza, da riqueza ou do que quer que fosse.

Irredutível, o vaidoso evidenciou, então, a necessidade de ser admirado: “Dá-me esse gosto. Admira-me mesmo assim!” (Ibidem, p. 44). A resposta do príncipezinho a tal apelo revelou que a vaidade, bem como a soberba do rei, não o atingiu: “Eu te admiro, disse o príncipezinho, dando de ombros” (Ibidem, p. 44).

Segundo Exupéry (1980), os vaidosos sempre veem os demais homens como admiradores. É essa a mensagem que o narrador de “O Pequeno Príncipe” transmite ao leitor na medida em que descreve o breve encontro do personagem-título com o habitante do segundo planeta que visitava. Para este, a única coisa que importava era que o outro lhe devotasse

toda a glória. Mesmo que a admiração fosse puramente fingida, recebê-la era, para ele, uma necessidade.

A respeito da atitude narcisista do vaidoso, Jung (2009, p. 38) reflete:

Quando sou dominado pela vaidade, por que dou tanta importância à admiração alheia? Aparentemente, a transferência de meu centro para o exterior significa que minha noção de valor próprio não se sustenta sozinha, mas depende da aprovação dos outros.

Pessoas cujo ego é dominado pela vaidade costumam ser extremamente sensíveis à opinião do outro e, por consequência, buscam aprovação para suas atitudes. Na tentativa de atrair para si toda a admiração e todos os aplausos possíveis, ignoram a existência daqueles que estão ao seu redor para colocarem-se em primeiro plano, encobrando, assim, uma provável baixa autoestima.

Jung (2009) alerta para o perigo da supervalorização da vaidade. Segundo o autor, aqueles que se entregam à ávida busca por reconhecimento distanciam-se gradativamente de sua essência, pois procuram representar papéis grandiosos. Com isso, afastam-se do autoconhecimento e do caminho da individuação.

O arquétipo do vaidoso, entretanto, não apresenta somente caráter negativo. A vaidade também é benéfica à psique humana uma vez que ela impulsiona as pessoas a buscarem o melhor para si, não se permitindo cair no desleixo e entrar em um círculo vicioso de baixa autoestima, depressão e outros transtornos psíquicos.

Há que se atentar, nesse sentido para outro fator comportamental que se destaca, sobretudo na sociedade moderna: o consumismo. Com frequência, as pessoas deixam-se levar pelo prazer de consumir para satisfazer a crescente vontade de ter. Muitos refletem sua ansiedade em bens materiais e compram desenfreadamente até mesmo aquilo de que não necessitam. Nesse caso, o consumismo passa a representar, no plano

material, uma tentativa de suprir momentaneamente a carência afetiva, emocional, espiritual. É como se o ter correspondesse ao ser.

A oposição entre a aparência forte e segura e a essência frágil do arquétipo do vaidoso revela a sua contradição. O essencial é que haja equilíbrio entre os aspectos negativos e positivos de tal arquétipo para que não se caia no vazio narcisista e no consumismo advindos da vaidade excessiva nem tampouco no desleixo provocado por sua ausência.

Para o príncipezinho de Exupéry, apesar do breve período de convivência com um típico vaidoso, não foi difícil perceber que a falta de autoconhecimento afasta as pessoas grandes desse equilíbrio, tornando-as “(...) decididamente muito bizarras (...)” (EXUPÉRY, 1980, p. 44).

### 3.3 A Fuga

“O planeta seguinte era habitado por um bêbado.” (Ibidem, p. 44).

A curta visita do príncipezinho a esse planeta deixou-o perplexo diante de mais um hábito humano, o de beber. É o próprio bêbado que explica seus motivos:

- Porque é que bebes? perguntou-lhe o príncipezinho.
- Para esquecer, respondeu o beberrão.
- Esquecer o quê? indagou o príncipezinho, que já começava a sentir pena.
- Esquecer que eu tenho vergonha, confessou o bêbado, baixando a cabeça.
- Vergonha de quê? investigou o príncipezinho, que desejava socorrê-lo.
- Vergonha de beber! concluiu o beberrão, encerrando-se definitivamente no seu silêncio. (Ibidem, pp. 44 e 45)

O diálogo entre os dois personagens revela o círculo vicioso do qual o habitante daquele planeta não conseguia se livrar: a bebida o envergonhava, mas somente ela o fazia esquecer a vergonha. Sem conseguir compreender seu novo conhecido e ainda julgando as pessoas grandes “muito bizarras” (Ibidem, p. 45), o príncipezinho seguiu viagem mergulhado em melancolia.

De acordo com Jung (2009, p. 47), “Vício é sinal de grave distúrbio mental. Ele atua como uma falsa resolução de conflitos, que esconde problemas interiores”. A descrição do chamado bebedor no clássico francês vem ao encontro de tal definição. Evidentemente, o vício desse personagem era motivado por conflitos que ele buscava esquecer no uso do álcool.

Em muitos casos, as pessoas assumem o arquétipo do viciado na tentativa de fugir de seus problemas, entretanto, não é sempre que o vício consiste no uso de álcool ou de drogas. Há aqueles que canalizam sua compulsão para atitudes socialmente aceitas como o consumismo ou transtornos alimentares. Estes últimos, segundo Jung (2009), evidenciam que a ansiedade pode ter origem na criança interior. Para o autor, é comum ver pessoas comendo demais ou recusando comida quando se encontram em situações angustiantes. Tanto uma postura quanto a outra pode revelar um retorno à criança que mostra sua insatisfação através da pirraça. Dessa forma, o retorno aos padrões de defesa primitivos, experimentados na infância, seria uma atitude compensatória típica dos momentos de crise.

No que se refere ao álcool e aos entorpecentes, além do retorno ao modo desregrado de agir típico da criança, o estado constante de inebriamento afasta o indivíduo de sua essência, uma vez que este não reflete sobre suas atitudes. Ao contrário, busca escondê-las de si mesmo. Não refletindo sobre as próprias ações, conseqüentemente, aquele que se identifica com o arquétipo do viciado evita compreender-se e evoluir no caminho da individuação.

Reconhecer o vício – qualquer que seja – e tratá-lo é, portanto, um fator determinante para a evolução da psique: dessa forma, o autoconhecimento e o autocontrole são exercitados. Entretanto, falta ao viciado, muitas vezes, ânimo para lutar contra o desejo do próprio ego de continuar, comodamente, tendo atitudes compulsivas. Segundo Marot (s/d), no caso do alcoolismo, por exemplo, a taxa de recaída é altíssima: “90% dos viciados em álcool voltam a beber ao longo dos quatro anos que seguem a interrupção do consumo, se não houver nenhum tratamento específico nesse sentido”.

O arquétipo do viciado apresenta, como se pode perceber, atitudes complexas e incompreensíveis aos olhos inocentes do príncipezinho da ficção. Para compartilhar da angústia de um dependente, há que se olhar o mundo do seu ponto de vista, deixando de lado, ainda que momentaneamente, os padrões de normalidade determinados pela sociedade.

Quando isso não acontece, as opiniões podem se dividir como a do pequeno príncipe que, ora tem pena do bêbado, ora acha-o bizarro, mas, de forma alguma consegue transformar seu desejo de ajudá-lo em uma ação. O caminho escolhido pelo personagem e por grande parte das pessoas que convivem com viciados é o mais fácil: fugir.

### 3.4 O Consumismo

“O quarto planeta era o do homem de negócios. Estava tão ocupado que não levantou sequer a cabeça à chegada do príncipe.” (EXUPÉRY, 1980, p. 46).

Quando chegou ao asteroide 328, o príncipezinho encontrou um homem totalmente envolvido em somas e papeis. Como sua chegada não despertou nenhum interesse, resolveu dar bom dia ao estranho homem que permanecia envolvido nos cálculos, carregando, na boca, um cigarro apagado que, segundo ele, não poderia ser aceso devido à falta de tempo.

Curioso, o pequeno personagem perguntou ao seu interlocutor o que ele contava. Embora aborrecido com a intervenção inoportuna, o homem deixou-se gastar alguns minutos em um significativo diálogo:

- Milhões dessas coisinhas que se vêem às vezes no céu.
  - Moscas?
  - Não, não. Essas coisinhas que brilham.
  - Abelhas?
  - Também não. Essas coisinhas douradas que fazem sonhar os ociosos. Eu cá sou um sujeito sério. Não tenho tempo para divagações.
  - Ah! estrelas?
  - Isso mesmo. Estrelas.
  - E que fazes tu dessas estrelas?
- (...)

- Nada. Eu as possuo.
- (...)
- E de que te serve possuir estrelas?
- Serve-me para ser rico.
- E para que te serve ser rico?
- Para comprar outras estrelas, se alguém achar.
- (...)
- Como pode a gente possuir estrelas?
- De quem são elas? respondeu, ameaçador, o homem de negócios.
- Eu não sei. De ninguém.
- Logo são minhas, porque eu pensei primeiro.
- (...)
- E que fazes tu com elas?
- Eu as administro. (...) eu escrevo num papelzinho o número das minhas estrelas. Depois tranco o papelzinho à chave numa gaveta. (EXUPÉRY, 1980, pp. 47 a 59)

A conversa terminou no momento em que o pequeno príncipe questionou o homem de negócios acerca de sua utilidade para as estrelas. Segundo o príncipezinho, essa relação deveria ser útil para ambas as partes. Diante do argumento, aquele que se intitulava um homem muito sério não soube o que dizer: “O homem de negócios abriu a boca, mas não achou nada a responder (...)” (Ibidem, p. 50). Como não poderia deixar de ser, após constatar novamente a complexidade das pessoas grandes, o príncipezinho partiu com a certeza de que elas são extraordinárias.

Da visita do clássico personagem ao quarto planeta, alguns aspectos merecem atenção. Primeiramente, é importante notar que as estrelas - tidas, para Chevalier e Gheerbrant (2008) como símbolos espirituais positivos, por ultrapassarem, com sua luminosidade, a escuridão - são apenas “coisinhas” para o homem de negócios.

Tais “coisinhas”, na opinião do homem sério, têm como função despertar sonhos nos ociosos. Nesse ponto, deve-se considerar que, para o conceituado dicionarista da língua portuguesa Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1975), um ser ocioso tem, dentre outras características, as propriedades de não trabalhar, estar em inatividade, gastar o tempo inutilmente, ser preguiçoso e vadio. Partindo daí, percebe-se como o homem

de negócios descrito por Exupéry vê aqueles que se dedicam a admirar estrelas.

É importante também observar que valor esse personagem atribui às suas “coisinhas”. Para ele, não precisa haver nenhuma razão para contar estrelas além do simples prazer de tê-las. Nesse caso, o ter vale mais que qualquer outra coisa: não interessa usufruir ou não de sua riqueza; interessa, antes, ser rico. A importância que o homem de negócios dá ao ter é relevante na narrativa. Note-se que ele admitiu não poder tocar em sua riqueza, mas explicou também que se satisfaz em saber que a possui, ainda que seja sob a forma de um registro escrito em um pedacinho de papel e trancado em uma gaveta.

O arquétipo representado pelo homem de negócios caracteriza-se por duas compulsões básicas: ter e trabalhar. Trabalhar para ter, mais exatamente. Em um círculo vicioso semelhante ao vivenciado pelo arquétipo do bêbado, as pessoas que se identificam com o homem de negócios possuem cada vez mais bens materiais porque trabalham por eles e, por outro lado, trabalham cada vez mais para adquirir outros bens e para administrar os que já possuem. Dificilmente, porém, questionam-se acerca da real utilidade de suas ações.

Os viciados em trabalho não costumam reconhecer com facilidade que precisam se tratar. Jung (2009, p. 53) explica que “Esse tipo de vício é socialmente aceito e tem o mais alto reconhecimento”. De fato, a sociedade capitalista contribui, com um reforçado incentivo ao consumismo, para o aceleração progressivo do ritmo de trabalho. Assim, é comum pessoas bem-sucedidas profissionalmente serem admiradas, ainda que trabalhem até esgotarem suas energias, sofram de insônia, depressão e outros transtornos psíquicos.

O arquétipo do homem de negócios, com sua compulsão pelo ter, deixa de lado os sentimentos e as emoções. Não gasta tempo com “coisinhas” subjetivas, pois isso não é “sério”. Assim também, no âmbito do consumismo, as pessoas sufocam os pequenos prazeres que a vida lhes oferece em nome

do desejo de ter e, conseqüentemente, não conduzem sua existência em direção à evolução pessoal, não elaboram o ser, não se tornam indivíduos únicos.

De modo perspicaz, Exupéry conduz o leitor a uma profunda reflexão sobre o consumismo desenfreado. A conhecida e fina sabedoria do príncipezinho é, novamente, explorada no momento em que ele revela ao sisudo homem de negócios a real utilidade dos bens: “- Eu (...) possuo uma flor que rego todos os dias. Possuo três vulcões que revolvo toda semana (...). É útil para os meus vulcões, é útil para a minha flor que eu os possua. Mas tu não és útil às estrelas...” (EUPÉRY, 1980, p. 50).

Nessa perspectiva, questionando seu interlocutor, o pequeno príncipe convida também o leitor a refletir sobre suas atitudes e mostra que é preciso dominar o arquétipo do homem de negócios para, então, se descobrir útil ao mundo e traçar o próprio caminho rumo ao autoconhecimento.

### **3.5 A Submissão**

O quinto planeta era muito curioso. Era o menor de todos. Mal dava para um lampião e o acendedor de lâmpadas... O príncipezinho não podia atinar para que pudessem servir, no céu, num planeta sem casa e sem gente, um lampião e o acendedor de lâmpadas. (Ibidem, p. 50).

A tarefa executada pelo acendedor de lâmpadas era, segundo o próprio personagem, terrível. Sua função, como se pode supor, consistia em acender um lampião à noite e apagá-lo ao amanhecer. Entretanto, seu planeta girava mais rapidamente a cada ano, de modo que os dias passavam cada vez mais depressa e, conseqüentemente, seu trabalho aumentava com o passar do tempo. No momento em que o príncipezinho chegou ao quinto asteroide, os dias tinham a exata duração de um minuto.

O mais interessante é que, quando questionado a respeito de seu trabalho, o acendedor limitou-se a responder: “É o regulamento.” (Ibidem, p.



52). Incansável, porém, o protagonista da narrativa voltou a inquirir seu interlocutor, dando lugar a um importante diálogo:

- Que é o regulamento?
- É apagar meu lampião. Boa noite  
E tornou a acender.  
Mas por que acabas de o acender de novo?
- É o regulamento, respondeu o acendedor.
- Eu não compreendo, disse o príncipezinho.
- Não é para compreender, disse o acendedor. Regulamento é regulamento. Bom dia.  
E apagou o lampião. (EXUPÉRY, 1980, p. 52)

Cumprir o regulamento era o mais importante que o acendedor de lâmpadas tinha a fazer. As ordens recebidas deviam ser, em sua opinião, executadas com precisão. Naturalmente, tal comportamento não fazia o menor sentido para o príncipezinho. Para ele, as pessoas não devem viver em função de regulamentos. Pelo contrário: regulamentos devem ser úteis às pessoas.

Entretanto, a despeito de não compreender o motivo de tão grande submissão, o príncipezinho suspeitou, antes de partir, que seu interlocutor, por ser simples, seria desprezado por qualquer um dos quatro personagens que acabara de conhecer. Mas admitiu também que era o único a não lhe parecer ridículo, justamente por se ocupar “de outra coisa que não seja ele próprio” (Ibidem, p. 53).

O personagem que habita o quinto planeta apresenta, aparentemente, uma personalidade boba, dada a sua tarefa pouco complexa. Sua atitude neurótica simboliza uma compulsão presente na vida de muitos: corresponder a padrões pré-estabelecidos sem ousar questioná-los. Semelhantemente ao homem de negócios, com sua obstinação pelo ter, o arquétipo do acendedor de lâmpadas vive para cumprir ordens das quais desconhece a origem. Suas ações, conforme defende Jung (2009), são automáticas e não abrem espaço a mudanças.

Quando admite que, se pudesse, gostaria de dormir, o acendedor de lâmpadas revela que gostaria de permanecer imóvel, em um estado de torpor.

Na realidade, tal personagem já está tão acostumado com a repetição que não cogita a hipótese de fugir à rotina e ao círculo vicioso de que é vítima.

Muitas vezes, as convenções sociais engessam personalidades, não permitindo que os indivíduos as questionem. A obediência cega aos “regulamentos” gera, frequentemente, um círculo vicioso parecido aos que prendem o bêbado e o homem de negócios de Exupéry.

Em muitos casos, as neuroses que vitimam esses indivíduos são transmitidas por pais ou educadores de modo geral. São as conhecidas regras de convivência e boa educação que se transformam em hábitos inquestionáveis e que podem gerar verdadeiras prisões. Crianças, por exemplo, costumam ser proibidas de se sujar durante os passeios para não ficarem “feias” e de pedir mais um pedaço de bolo na festinha dos amigos para não parecerem “gulosas”. Sem que percebam, essas crianças passam a deixar de lado seus desejos mais inofensivos em obediência a regras impostas e, aparentemente, inquestionáveis.

Mathias Jung (2009) mostra o quão contraditório é o arquétipo do acendedor de lampiões: a estagnação espiritual em um corpo vivo e em constante mutação não faz sentido. Segundo o autor, tal qual um hamster que gira dócil em uma rodinha, aqueles que se identificam com o arquétipo do acendedor de lampiões percorrem um caminho que não os levará a lugar algum.

Tal arquétipo se manifesta, em maior ou menor escala, em todos os humanos através das regras e das proibições. O que se precisa fazer é praticar o domínio das atitudes neuróticas para, sempre que necessário, questionar e modificar os “regulamentos” que se tornarem obsoletos.

Na narrativa do clássico francês, o pequeno príncipe, símbolo da sábia criança interior que habita em cada um, tentou apresentar uma solução prática para o alienado e neurótico acendedor de lampiões:

- Teu planeta é tão pequeno, que podes, com três passos, dar-lhe a volta. Basta andares lentamente, bem lentamente, de modo a ficares sempre ao sol. Quando quiseres descansar,

caminharás... e o dia durará quanto queiras. (EXUPÉRY, 1980, p. 53)

A simples saída encontrada pelo príncipezinho representa uma resolução prática para o problema do acendedor de lampiões. Entretanto, a antiga submissão impediu este personagem de se libertar da neurose que o prendia. Cabia a ele seguir ou não o conselho recebido; cabia a ele, portanto, se libertar ou não do “regulamento”.

Em outras palavras, é preciso ouvir o que diz a criança interior para seguir no processo de individuação, afinal, somente quando se é capaz de modificar o que não faz sentido se pode tornar indivíduo.

### **3.6 A Sabedoria**

“O sexto planeta era dez vezes maior. Era habitado por um velho que escrevia livros enormes.” (EXUPÉRY, 1980, p. 54).

Ao ver o príncipezinho, o velho, que autointitulava-se geógrafo, julgou estar diante de um explorador. Este, por sua vez, quis saber quem habitava aquele planeta e descobriu que um geógrafo “É um sábio que sabe onde se encontram os mares, os rios, as cidades, as montanhas, os desertos.” (Ibidem, p. 55).

Empolgado com a possibilidade de estar conversando com alguém que, finalmente, exercia uma verdadeira profissão, o príncipezinho logo perguntou sobre a geografia daquele planeta, mas se frustrou sobremaneira ao descobrir que aquele geógrafo não sabia nada a esse respeito. Naturalmente, argumentou, dizendo que a obrigação de um geógrafo é saber como é o lugar onde vive. A resposta do velho “sábio” dá, então, um rumo surpreendente à narrativa:

(...) mas não sou explorador. Há uma falta absoluta de exploradores. Não é o geógrafo que vai contar as cidades, os rios, as montanhas, os mares, os oceanos, os desertos. O geógrafo é muito importante para estar passeando. Não deixa um instante a escrivãinha. Mas recebe os exploradores,

interroga-os, anota as suas lembranças. E se as lembranças de alguns lhe parecem interessantes, o geógrafo estabelece um inquérito sobre a moralidade do explorador.

- Por quê?

- Porque um explorador que mentisse produziria catástrofes nos livros de geografia (...). Quando a moralidade do explorador parece boa, faz-se uma investigação sobre a sua descoberta.

- Vai-se ver?

- Não. Seria muito complicado. Mas exige-se do explorador que ele forneça uma prova. (EXUPÉRY, 1980, pp. 55 e 56)

O homem que aparentava ser dono de grande conhecimento, na verdade, revelou-se um catedrático que não vivencia na prática nada do que estuda. Por trás de todas as teses do grande “sábio” estão os conhecimentos e as vivências de mundo de exploradores anônimos. O mais grave, entretanto, é que as explorações alheias são retratadas como tarefas inferiores, indignas de serem executadas por um geógrafo, ser demasiadamente inteligente.

Há que se notar, porém, que, apesar da declarada sabedoria, o geógrafo coloca-se à mercê de seus exploradores: eles precisam provar que, de fato, existe aquilo que afirmam ter descoberto, mas podem descrever os detalhes ao seu modo. Sendo assim, aquilo que o catedrático escreve não passa de uma descrição do ponto de vista dos outros.

Além disso, o acadêmico não pôde deixar de inquirir o príncipezinho a respeito de seu planeta de origem. No entanto, quando este citou sua tão querida rosa, descobriu que, por serem efêmeras, as flores não podem constar nos registros de um geógrafo. Nesse sentido, Jung (2009, pp. 64 e 65) argumenta que “Sob o olhar frio do Geógrafo, o mundo congela, não há o menor sinal de vivacidade. A respiração, os movimentos, o desenvolvimento, a dinâmica interior e a inconsistência do mundo não lhe interessam”.

O arquétipo do geógrafo apresenta, portanto, o caráter estático da ciência para a qual as emoções e a beleza de uma flor são dados irrelevantes por serem subjetivos e efêmeros. Aquilo que não se pode analisar cientificamente e comprovar não deve, nesse caso, ser considerado.

Evidentemente, os regidos por esse pensamento apresentam problemas no campo emocional e, principalmente, no espiritual. A tentativa de racionalizar tudo o que estiver ao redor faz com que muitos se tornem insensíveis ao outro e a si mesmos.

O geógrafo criado por Exupéry traz uma mensagem ao leitor: o conhecimento científico, quando não aliado à prática, de nada vale. É pouco produtivo para aquele personagem viver cercado de conhecimentos técnicos se não pode – e talvez não saiba – desfrutar da delicadeza de uma flor. Assim também é pouco produtivo para o ser humano cercar-se de conhecimentos técnicos sobre a vida e não conseguir vivê-la em sua plenitude.

Depois de ouvir as considerações do imponente habitante do sexto planeta, o príncipezinho pediu-lhe um conselho: que planeta deveria ele visitar? Seu interlocutor, sem pensar muito, respondeu-lhe que a Terra gozava de grande reputação.

### **3.7 A Grande Fusão**

“O sétimo planeta foi pois a Terra.” (EXUPÉRY, 1980, p. 58).

Não é sem razão que o último planeta visitado pelo protagonista do clássico francês é o único a receber um nome. Ele representa, segundo o narrador, a grande fusão de tudo o que o príncipezinho havia visto em suas viagens interestelares:

A Terra não é um planeta qualquer! Contam-se lá cento e onze reis (...), sete mil geógrafos, novecentos mil negociantes, sete milhões e meio de beberrões, trezentos e onze milhões de vaidosos – isto é, cerca de dois bilhões de pessoas grandes.

Para dar-lhes uma idéia das dimensões da Terra, eu lhes direi que, antes da invenção da eletricidade, era necessário manter, para o conjunto dos seis continentes, um verdadeiro exército de quatrocentos e sessenta e dois mil quinhentos e onze acendedores de lâmpadas (Ibidem, p. 58).

É irônico pensar que, para Chevalier e Gheerbrant, o sete tem, dentre outras atribuições, a função de representar a perfeição: o sétimo planeta é justamente aquele que concentra o maior número de arquétipos e, portanto, a maior diversidade de imperfeições.

Entretanto, há razões para crer que a diversidade no planeta Terra é positiva para o príncipezinho. Foi lá, por exemplo, que ele conheceu a raposa, que lhe ensinou a tão preciosa arte de fazer amizades e lhe mostrou como amar uma rosa; lá também ele conheceu seu grande amigo, o aviador que narra a história; lá, por fim, ele aprendeu, com uma serpente, como alcançar a libertação de que necessitava para regressar a seu lugar de origem. A Terra, em suma, a despeito de todos os seus problemas, representou para o pequeno personagem, um lugar de autodescoberta e de grande crescimento.

Jung (2009, p. 67) defende que todos os habitantes dos planetas visitados pelo príncipezinho encontram-se representados em cada ser humano: “(...) vivem em mim o autoritário, o egocêntrico, o viciado, o frio e calculista negociante, o neurótico compulsivo que cumpre regulamentos e o cientista, e nenhum deles descobre o amor. Preciso compensar essa negligência da alma apelando para minha criança interior e para sua calorosa e animada humanidade”. Nessa perspectiva, para o leitor, conhecer e refletir sobre os arquétipos descritos por Exupéry significa conhecer a si mesmo.

As palavras do teórico encontram reflexo na narrativa francesa. Em um dos seus passeios pela Terra, o pequeno explorador conheceu um guarda-chaves que despachava passageiros em trens. Impressionado pela velocidade com que os “iluminados” se locomoviam, o príncipe interrogou o guarda-chaves acerca do destino daquelas viagens, e ouviu como resposta a afirmação de que “Nem o homem da locomotiva sabe.” (EXUPÉRY, 1980, p. 76). Não satisfeito com a explicação, o personagem deu início ao diálogo a seguir:

- Não estavam contentes onde estavam?
- Nunca estamos contentes onde estamos, disse o guarda-chaves.  
E um terceiro iluminado trovejou.
- Estão perseguindo os primeiros viajantes? perguntou o príncipezinho.

- Não perseguem nada, disse o guarda-chaves. Estão dormindo lá dentro, ou bocejando. Só as crianças esmagam o nariz nas vidraças.
- Só as crianças sabem o que procuram, disse o príncipezinho. Perdem tempo com uma boneca de pano, e a boneca se torna muito importante, e choram quando a gente toma...
- Elas são felizes... disse o guarda-chaves (Ibidem, p. 76)

O breve encontro entre o pequeno príncipe e o guarda-chaves revela que a maneira infantil de encarar a vida, por mais simples que possa parecer (e talvez por conta dessa simplicidade) está diretamente ligada à felicidade que as pessoas grandes tanto almejam. Indiretamente, convida-se o leitor a manter contato com sua criança interior, afinal, é ela que detém a chave para a realização pessoal: enquanto a “gente grande” dorme diante das belezas da vida, os pequenos sabem aproveitar e valorizar cada momento.

## CAPÍTULO 4

### PERCORRENDO O CAMINHO DA INDIVIDUAÇÃO DE MÃOS DADAS A UM PRINCIPEZINHO

#### 4.1 A Literatura E A Arteterapia

A Associação de Arteterapia do Rio de Janeiro define que

A arteterapia baseia-se na crença de que o processo criativo envolvido na atividade artística e terapêutica é enriquecedor da qualidade de vida das pessoas. Arteterapia é o uso terapêutico da atividade artística no contexto de uma relação profissional por pessoas que experienciam doenças, traumas ou dificuldades na vida, assim como por pessoas que buscam desenvolvimento pessoal (site: AARJ).

Dentre os diversos tipos de manifestações artísticas que se apresentam nesse processo terapêutico, encontra-se a literatura. Textos e obras literárias são utilizados em Arteterapia para provocar, no leitor, a reflexão sobre si mesmo e sobre o mundo em que vive, conforme explica MACHADO (2002, p. 75):

(...) toda narrativa literária se constrói em cima de elementos que vão se correspondendo de modo coerente e que aos poucos vão erigindo um edifício de sentido. É para isso que o homem conta histórias – para tentar entender a vida, sua passagem pelo mundo, ver na existência alguma espécie de lógica.

Em se tratando especificamente de narrativas, sejam elas baseadas em fatos ou fictícias, percebe-se que, por meio dos acontecimentos e da descrição das experiências vivenciadas pelos personagens, o leitor pode analisar os acontecimentos de sua própria vida e suas experiências pessoais. Essa espécie de espelho reflete, muitas vezes, as frustrações, os traumas, as



dificuldades e também as alegrias por que cada um, invariavelmente, passa em sua existência.

A partir daí, no processo arteterapêutico, pode-se ter início um tratamento baseado nas imagens despertadas pela narrativa lida ou ouvida com o objetivo de se resgatar e administrar as perdas decorrentes de situações críticas e de se aumentar a autoestima daqueles que buscam, na arte, soluções para a vida.

Nesse sentido, CARRANO (2009, p. 26) alerta para o fato de que

A essência da alma humana guarda elementos carregados de símbolos que estão aprisionados e precisam ser libertados. (...) Os contos de fada, por meio da sua linguagem simbólica, falamos da nossa trajetória arquetípica, da busca do herói pela sua individuação, permitindo uma maior compreensão, em um sentido mais profundo da totalidade psíquica.

Indubitavelmente, a literatura tem a propriedade de tocar as emoções do leitor através de símbolos e de arquétipos cuja compreensão atua como estímulo ao autoconhecer-se e, em consequência, ao tornar-se indivíduo.

## **4.2 A Obra De Saint-Exupéry Como Recurso Arteterapêutico**

É provável que Antoine de Saint-Exupéry, ao escrever “O Pequeno Príncipe”, não tenha pretendido construir um tratado de psicologia analítica nem tenha planejado que sua obra fosse utilizada em trabalhos voltados para a Arteterapia. De fato, a obra-prima do escritor francês está longe de um estudo detalhado de psicologia, mas pode atender perfeitamente às necessidades de um trabalho arteterapêutico.

Evidentemente, como em qualquer caso estudado à luz da Arteterapia, não se pode afirmar absolutamente nada sem que haja um conhecimento prévio do indivíduo que busca ajuda, bem como de suas necessidades. O que segue, portanto, são apenas hipóteses baseadas em teorias e estudos diversos.

Acredita-se que a obra literária em questão pode funcionar como recurso arteterapêutico se, além da narrativa, chamarem a atenção do leitor alguns aspectos importantes, como os personagens arquetípicos, os símbolos e a maneira como os protagonistas lidam com as adversidades da vida.

#### *4.2.1 O Autoconhecimento Por Meio de Arquétipos*

Grinberg (2003, p. 138) defende que “As manifestações do arquétipo são princípios organizadores que facilitam a compreensão da experiência”. Portanto, quando um indivíduo compreende, em suas próprias ações, a manifestação de determinado arquétipo, simultaneamente alcança o entendimento acerca da experiência que está vivendo ou que viveu.

Foi também Grinberg (2003, p. 139) que explicou como se ativa uma imagem arquetípica: “Um arquétipo pode ser ativado no indivíduo quando este se vê em uma situação ou próximo de uma pessoa que apresente similaridade com ele”.

Sendo assim, a manifestação de um arquétipo, seja ele positivo ou negativo, depende de se estar diante de algo ou de alguém que funcione como uma espécie de “detonador”. Se houver compreensão de que um leitor costuma colocar-se no lugar dos personagens de uma narrativa, entender-se-á por que os personagens do clássico francês podem ser tidos como “detonadores” de imagens arquetípicas.

Bettelheim (1979, pp. 16 e 17) afirma que

Na criança ou no adulto, o inconsciente é um determinante poderoso do comportamento. Quando o inconsciente está reprimido e nega-se a entrada de seu conteúdo na consciência, a mente consciente será parcialmente sobrepujada pelos derivativos desses elementos inconscientes, ou então será forçada a manter um controle de tal forma rígido e compulsivo sobre eles que sua personalidade poderá ficar gravemente mutilada. Mas quando o material inconsciente tem, em certo grau, permissão de vir à tona e ser trabalhado na imaginação, seus danos potenciais – para nós mesmos e para os outros – ficam muito reduzidos.

O que o psicólogo infantil escreveu no âmbito dos contos de fadas também se aplica ao contexto de “O Pequeno Príncipe”: o material inconsciente do leitor é trabalhado através da imaginação na medida em que este toma conhecimento dos arquétipos na obra e, o mais importante, se identifica com eles. Desse modo, o “detonador” de que fala Grinberg pode apresentar-se sob diversas formas, como, por exemplo, a de um rei autoritário, de um vaidoso ou de um bêbado.

É importante atentar, nesse sentido, para o fato de que, nas palavras de Grinberg (2003, p. 141), “(...) um arquétipo nunca se esgota nem pode ser reduzido a uma fórmula qualquer”. Por isso, os personagens da obra de Exupéry, intitulados arquetípicos, compõem imagens que devem ser interpretadas por cada indivíduo de modo que se estabeleça uma relação entre sua consciência e sua inconsciência. A partir daí, a função da Arteterapia é auxiliar no reconhecimento das manifestações inconscientes surgidas nos trabalhos realizados com base nas imagens despertadas pela obra literária.

“O Pequeno Príncipe”, assim, pode funcionar como uma ferramenta arteterapêutica caso o leitor reconheça a si mesmo em quaisquer arquétipos trabalhados pela obra. Dessa forma, ele estaria dando o primeiro passo para o autoconhecimento e, portanto, estaria abrindo espaço para a cura através da arte literária.

#### *4.2.1 Percorrendo O Caminho Da Individuação Ou Ser Como Criança*

Ao longo do presente trabalho, muito se tem falado a respeito do personagem central do clássico francês. O príncipezinho de fato parece ser a criatura mais complexa e misteriosa da obra em questão. Era ele, por exemplo, quem provocava a autoreflexão nos habitantes de todos os planetas que visitou (inclusive a Terra) através de seus longos interrogatórios instigados por uma curiosidade pueril.

Foi ele também quem ensinou o piloto, narrador da história e seu amigo, a questionar a validade das regras adultas e a valorizar as pequenas coisas da vida, tal qual fazem as crianças.

O príncipezinho, quanto mais conhecia as pessoas, mais manifestava horror à possibilidade de ser adulto: a ideia de perder a jovialidade e deixar de ver a beleza da vida não lhe agradava nem um pouco. Por outro lado, suas atitudes revelavam uma coragem digna dos grandes heróis: tomar a iniciativa de abandonar seu único lar, seu planetinha e, com ele, tudo o que conquistara para explorar o universo exigiu braveza. Mais braveza ainda exigiu a posterior decisão de deixar a Terra e seu novo amigo para retornar ao lugar de origem com uma nova visão de mundo.

O personagem-título, em suma, associa a inocência e a jovialidade do *puer aeternus* à firmeza de caráter e à nobreza do *herói*. Esses dois arquétipos se destacam na vida príncipezinho que, indiretamente, oferece muitas lições ao leitor.

Outras lições podem ser apreendidas com o narrador da obra: o príncipezinho também ensinou ao piloto, seu amigo, a ser como criança para percorrer o caminho da individualização. Depois da viagem ao Saara, o narrador revela:

Gostaria de ter começado esta história à moda dos contos de fada. Teria gostado de dizer:  
“Era uma vez um pequeno príncipe que habitava um planeta pouco maior que ele, e que tinha necessidade de um amigo...”  
Para aqueles que compreendem a vida, isto pareceria sem dúvida muito mais verdadeiro.

Depois de conhecer o príncipezinho, o aviador descobriu que o mais importante é ver o mundo pelos olhos de uma criança, que verdadeiramente compreende a vida. Assim, como se todos os leitores fossem pilotos perdidos no deserto, o ensinamento passa a ser coletivo.

Na verdade, “O aviador encontra seu *alter ego*, seu outro eu. O eu infantil reprimido, a criança dentro de si. O jovenzinho que habita o coração de todos” (Jung, 2009, p. 24). Diante dessa nova visão sobre si mesmo, o aviador

deu início a uma lenta mudança em sua forma de ver o mundo, chegando, em determinado momento, a afirmar que consertar o avião não representava mais uma prioridade em sua vida.

Com a amizade pelo príncipezinho, o narrador de “O Pequeno Príncipe” teve a oportunidade de acessar aspectos há muito abandonados em seu inconsciente e reprimidos pela sociedade. Aquilo que era esquisito (como abandonar o conserto de um avião em pleno deserto para conversar com uma criança vinda, literalmente de outro planeta) passou a ser normal a partir do momento em que o piloto viu-se desconectado do mundo real e sentiu-se livre para viver emoções diferentes.

As descobertas advindas dos diálogos travados com o príncipezinho e da crescente admiração por tão simples criatura impulsionaram o homem maduro a ter atitudes tidas como infantis. Na verdade, preocupar-se com uma flor, com um carneiro e, até mesmo com a vida de um príncipezinho perdido em um planeta qualquer, bem como dar-se ao simples prazer de desenhar e colorir não são atitudes infantis (embora sejam infantilizadas pela sociedade) e é isso que o pequeno protagonista fez o narrador perceber.

No último capítulo da obra, nota-se que, de fato, o aviador passou a agir de acordo com sua criança interior:

E agora, certamente, já se vão seis anos... Jamais contara essa história. Os camaradas ficaram contentes de ver-me são e salvo. Eu estava triste, mas dizia: É o cansaço...

Agora já me consolei um pouco. Mas não de todo (...).

Mas eis que sucede uma coisa extraordinária. Na mordaca que desenhei para o príncipezinho, esqueci de juntar a correia! Não poderá jamais prendê-la ao carneiro. E eu pergunto então: “Que se terá passado no planeta? Pode bem ser que o carneiro tenha comido a flor...”

(...)

Eis aí um mistério bem grande. Para vocês, que amam também o príncipezinho, como para mim, todo o universo muda de sentido, se num lugar, que não sabemos onde, um carneiro, que não conhecemos, comeu ou não uma rosa...

Olhem o céu. Perguntem: Terá ou não terá o carneiro comido a flor? E verão como tudo fica diferente...

E nenhuma pessoa grande jamais compreenderá que isso tenha tanta importância! (EXUPÉRY, 1980, pp. 94 e 95)

A atitude de não revelar aos “camaradas” a razão de sua tristeza, ou cansaço, como ele preferiu chamar, é simples: os adultos, conforme o próprio narrador reafirma na última frase do livro, não compreenderiam a importância da jornada vivida por ele e, talvez, nem fossem capazes de acreditar nela.

É interessante notar que, sendo o aviador um homem adulto, sua atitude ao final da narrativa não condiz com o caráter tipicamente adulto. A razão é simples: sua criança interior já fora despertada e, nesse ponto do texto, é ela quem tem mais importância na psique do personagem. Sua presença pode ser percebida no momento em que a preocupação com o carneiro e com a rosa do príncipezinho é revelada como um grande mistério capaz até mesmo de mudar o sentido do universo.

Além disso, o ato de olhar as estrelas em busca de uma resposta (mesmo que imaginária) acerca de como está a vida do inesquecível príncipe faz, segundo o narrador, grande diferença, ao contrário do que dizia o conhecido homem de negócios. Tal diferença claramente corresponde ao modo como as crianças veem o mundo.

O doce e despretensioso olhar infantil de que indiretamente fala o piloto pode acontecer quando quem olha é a criança interior. Enquanto o homem de negócios, o bêbado, o autoritário e tantos outros arquétipos dominarem o adulto, a visão de mundo correrá o risco de ser condicionada aos desejos e às necessidades desses arquétipos. Por conseguinte, a criança interior estará sufocada e não poderá enxergar a vida plenamente.

É importante, nesse sentido, perceber que toda a trajetória percorrida pelo aviador - desde o momento em que seu avião caiu no deserto até o momento em que o laço físico entre ele e o protagonista da narrativa se desfez - representa o processo de individuação de que fala Carl Gustav Jung. Nesse período, o piloto tomou consciência de sua existência como ser único e insubstituível, tornando real a sua vida. Assim, submetendo-se a uma viagem pelo próprio inconsciente, encontrou, finalmente, o amadurecimento necessário para “individuar-se” e autoconhecer-se, ainda que se submetendo aos sofrimentos contidos nessa difícil jornada.

Se, por um lado, o narrador percorreu seu caminho rumo à individuação, por outro, cabe ao príncipezinho a representação da criança interior. Sabe-se que é esse aspecto do Self que impulsiona a criatividade, a espontaneidade e a capacidade de maravilhar-se diante da vida. Sumariamente, é a criança interior que possibilita a renovação da consciência humana.

O pequeno príncipe trabalha, ao longo da narrativa, justamente para rejuvenescer a consciência do narrador em relação a si mesmo e ao mundo. Seu deslumbramento diante de coisas tidas como banais pelos adultos encantou o narrador de tal maneira que este se viu, ao término da narrativa, contagiado por essa maneira de agir e pensar. Assim, motivado pelo príncipezinho, o rígido adulto cedeu lugar à criativa e espontânea criança, reavivando a própria consciência e, finalmente, caminhando em busca de uma expressão pessoal no mundo coletivo; caminhando em busca, enfim, da individuação.

Imaginar-se no lugar do pequeno príncipe ou do narrador talvez seja, para o leitor, um passo decisivo no processo de individuação. Isso porque tais personagens apresentam uma flexibilidade de caráter positiva.

O príncipezinho, por exemplo, mostra-se insistente e curioso como uma criança: quer porque quer um carneiro, embora tenha medo de que ele coma sua rosa; jamais renuncia a uma pergunta, apesar de não se satisfazer sempre com as respostas. Por outro lado, manifesta grande responsabilidade e coragem diante de situações difíceis. É capaz de abandonar sua rosa, chatear-se com ela por julgá-la mentirosa e sacrificar seu corpo para reencontrá-la, logo depois.

O protagonista da obra, em suma, parece saber como percorrer o caminho da individuação: mostra-se alegre e inocente como uma criança; sábio e decidido como uma criatura madura. Mostra-se, enfim, equilibrado como devem ser os que buscam desfrutar plenamente da vida.

É assim que Exupéry, na voz do narrador de sua obra, convida o leitor a ser, no sentido pleno da palavra, na medida em que o convida a amar o

príncipezinho (sua criança interior) e a imaginar a sua vida para, assim, comprovar como “tudo fica diferente” (Exupéry, 1980, p. 95).

Quando a literatura possibilita tão profunda viagem ao inconsciente e, com isso, promove, no leitor, a autoreflexão e, por consequência, o autoconhecimento, é indubitável que sua função não é a pura distração. Nesse caso, não se pode negar que tal expressão artística trabalha a psique, a alma das pessoas e, portanto, não pode deixar de ser explorada pela Arteterapia.



## CONCLUSÃO

Este estudo partiu do pressuposto de que a obra “O Pequeno Príncipe”, do autor francês Antoine de Saint-Exupéry, e sua simbologia podem auxiliar o leitor no processo de individuação ao qual todo ser humano tende a se submeter em algum momento de sua vida. Para tanto, supôs-se que a reflexão sobre as passagens e os personagens do clássico poderia configurar uma reflexão sobre o si-mesmo, passo decisivo no referido caminho da individuação de que fala o Dr. Carl Gustav Jung, referência para a Arteterapia.

Nesse sentido, o presente trabalho baseou-se na ideia de que a obra literária em questão poderia representar uma útil ferramenta a serviço do tratamento arteterapêutico.

Elementos-chave para a teoria junguiana, tais como os conceitos de ego, self, arquétipos, criança interior e processo de individuação basearam as pesquisas realizadas. Partindo, portanto, dos estudos da psicologia analítica, pesquisou-se, na obra de Antoine de Saint-Exupéry, dados que corroborassem as ideias defendidas por Carl Gustav Jung.

Assim, exploraram-se, em “O Pequeno Príncipe”, elementos com os quais o leitor pudesse se identificar. Dentre tais elementos, descobriram-se símbolos importantes para a compreensão da obra, como o deserto (lugar de autodescoberta ao qual se recorre nos momentos de dor e reflexão), a rosa (que, simultaneamente, simboliza a pureza sem mácula e a dor), o poço (fonte sagrada de sabedoria, símbolo daquele que atingiu o conhecimento de si mesmo) e a serpente (intrigante elemento difusor da ideia de que é possível extrair o positivo do negativo, o bem do mal).

Ainda com o objetivo de aproximar leitor e obra, teve espaço uma minuciosa análise dos arquétipos explorados por Antoine de Saint-Exupéry. Partindo dos estudos de Ana Lúcia Santana, de Luiz Paulo Grinberg, e de Mathias Jung, foi possível associar alguns personagens do clássico francês ao conceito junguiano de arquétipos.

Dessa forma, surgiram imagens arquetípicas com as quais o leitor em um processo arteterapêutico poderia se identificar e, então, refletir sobre si mesmo, dando continuidade ao autoconhecimento e, conseqüentemente, caminhando rumo à individuação.

Partindo desse princípio, o rei autoritário, o vaidoso, o bêbado, o homem de negócios, o acendedor de lampiões e o velho geógrafo representam importantes ferramentas para o trabalho arteterapêutico, uma vez que podem assemelhar-se ao modo como o leitor encara a própria vida.

Além disso, a obra também propõe ao leitor a reflexão acerca dos personagens protagonistas: o pequeno príncipe – entendido como representação da criança interior – e o aviador – entendido como representação do adulto em busca da própria individuação. Esses dois, aliados aos arquétipos, constituem a fundamentação da literatura de ficção na teoria junguiana.

Identificando-se com os personagens arquetípicos ou com o aviador, que ouve a voz de sua criança interior, o leitor pode compreender e trabalhar os próprios conflitos e problemas por meio da literatura. Eis a comprovação de que a literatura, conforme defendem Ana Maria Machado, Bruno Bettelheim e Eveline Carrano, não é meramente uma arte. É, também, um meio de se conhecer o mundo e a si mesmo; um meio que pode promover a reflexão e, em alguns casos, a solução para conflitos psíquicos.

Diante dos argumentos citados, vê-se claramente que a hipótese da qual se partiu era, de fato, verdadeira: a literatura e, mais especificamente, “O Pequeno Príncipe” realmente constituem importantes recursos para o processo arteterapêutico.

Aos que desejarem, fica a sugestão de aprofundar os estudos em tão rica e inexplorada área de conhecimento.

## BIBLIOGRAFIA

**A BÍBLIA DA MULHER: LEITURA, DEVOCIONAL, ESTUDO.** Trad. Neyd V. Siqueira [et al.]; preparação e adaptação de texto Liege Marucci, Luciana Abud; revisão Érica S. S. de Freitas... [et al.]. São Paulo: Mundo Cristão, 2003.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas.** Trad. Arlene Caetano. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. Tradução de: The uses of enchantment: the meaning and importance of fairy tales.

CARRANO, Eveline. **Terra das fadas, terra dos homens.** cap. 2. In: SILVA, Luciana Pellegrini Baptista (org.) *Bruxas e fadas, sapos e príncipes: os contos de fadas em experiências arteterapêuticas.* 2ª ed. Rio de Janeiro: WAK, 2009.

CHAMPLIN, Russel Norman. **Enciclopédia de Bíblia Teologia e Filosofia.** vol. 2. 6ª ed. São Paulo: Hagnos, 2002.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos.** 22ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

EXUPÉRY, Antoine de Saint. **O Pequeno Príncipe.** Trad. Dom Marcos Barbosa. 21ª ed. Rio de Janeiro: Agir, 1980. Tradução de: Le Petit Prince.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

FRANZ, M. L. Von. **O processo de individuação.** cap. 3. In: JUNG, Carl Gustav. (org.) *O homem e seus símbolos.* Trad. Maria Lúcia Pinto. 13ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964. Tradução de: The man and his symbols.

GRINBERG, Luiz Paulo. **Jung: o homem criativo.** 2ª ed. São Paulo: FTD, 2003. Col. Por outro lado.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo.** Trad. Dora Mariana R. Ferreira da Silva; Maria Luíza Appy. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000. Tradução de Die Archetypen Und Das Kollektive Um Bewusste.

JUNG, Mathias. **O Pequeno Príncipe em nós: uma jornada de descobertas com Saint-Exupéry**. Trad. Marcos Malvezzi Leal. São Paulo: Verus, 2009. Tradução de Der kleine Prinz in uns Auf Entdeckungsreise mit Saint- Exupéry.

MACHADO, Ana Maria. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

MONTEIRO, Dulcinéa da Mata Ribeiro (org); BRENTAN, Cristiane Cintra. et al. **Arteterapia: arquétipos e símbolos; pintura e mídia**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2009.

NETTO, Roberto Lima. **O Pequeno Príncipe para gente grande**. Rio de Janeiro: Best Seller, 2006.

SANTOS, Sandra Regina (org.); FILHA, Ana Altiva Pereira de Araújo; PACHECO, Luis Fernando Furlanetto. **Jung: um caminhar pela psicologia analítica**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2008.

SOSA, Edgardo Rodolfo. **O Pequeno Príncipe e sua revolução psicológica**. Trad. Josué Cândido da Silva. São Paulo: Edições Paulinas, 1991. Tradução de: El Principito y su revolución psicológica.

## WEBGRAFIA

SANTANA, Ana Lúcia. Infoescola. **Arquétipos**. 2008.

Disponível em: <<http://www.infoescola.com/psicologia/arquetipos/>>

Acesso em: 16/5/2010 – 13h11min.

NETSABER. **Carl Gustav Jung**. [s/d].

Disponível em: <[http://www.netsaber.com.br/biografias/ver\\_biografia\\_c\\_531.html](http://www.netsaber.com.br/biografias/ver_biografia_c_531.html)>

Acesso em: 18/5/2010 – 20h49min.

IJRS. **A criança interior**. [s/d].

Disponível em: <<http://www.ijrs.org.br/artigos.php?id=53>>

Acesso em: 19/5/2010 – 21h19min.

AARJ - Associação de Arteterapia do Rio de Janeiro. [s/d].

Disponível em: <<http://www.aarj.com.br/index.htm>>

Acesso em: 24/6/2010 – 19h06 min.

MAROT, Rodrigo. Psicosite. **Alcoolismo**. [s/d].

Disponível em: <<http://www.psicosite.com.br/tra/drg/alcoolismo.htm>>

Acesso em: 17/6/2010 – 19h37min.

## ÍNDICE

<b>AGRADECIMENTOS</b>	<b>4</b>
<b>DEDICATÓRIA</b>	<b>5</b>
<b>RESUMO</b>	<b>6</b>
<b>METODOLOGIA</b>	<b>7</b>
<b>SUMÁRIO</b>	<b>8</b>
<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>9</b>
<b>CAPÍTULO 1</b>	<b>11</b>
<b>CARL GUSTAV JUNG E A INDIVIDUAÇÃO – UM CAMINHO PROPOSTO PELA PSICOLOGIA ANALÍTICA</b>	
1.1 Alguns Conceitos Utilizados Na Obra de Carl Gustav Jung	11
1.1.1 Inconsciente Pessoal X Inconsciente Coletivo	12
1.1.2 Arquétipos	15
1.1.3 Ego X Self	17
1.2 O Processo De Individuação	18
1.3 Uma Visão Sobre O Conceito De Criança Interior	20
<b>CAPÍTULO 2</b>	<b>22</b>
<b>NAS ENTRELINHAS</b>	
2.1 Símbolos	24
2.1.1 O Deserto	25
2.1.2 A Rosa	28
2.1.3 O Poço	30
2.1.4 A Serpente	33
<b>CAPÍTULO 3</b>	<b>37</b>
<b>OS ARQUÉTIPOS EM O PEQUENO PRÍNCIPE</b>	
3.1 A Soberania	38
3.2 A Vaidade	41
3.3 A Fuga	43
3.4 O Consumismo	45

	71
3.5 A Submissão	48
3.6 A Sabedoria	51
3.7 A Grande Fusão	53
<b>CAPÍTULO 4</b>	<b>56</b>
<b>PERCORRENDO O CAMINHO DA INDIVIDUAÇÃO DE MÃOS DADAS A UM PRINCIPEZINHO</b>	
4.1 A Literatura E A Arteterapia	56
4.2 A Obra De Saint-Exupéry Como Recurso Arteterapêutico	57
4.2.1 O Autoconhecimento Por Meio De Arquétipos	58
4.2.2 Percorrendo O Caminho Da Individualização Ou Ser Como Criança	59
<b>CONCLUSÃO</b>	<b>65</b>
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	<b>67</b>
<b>WEBGRAFIA</b>	<b>69</b>
<b>ÍNDICE</b>	<b>70</b>